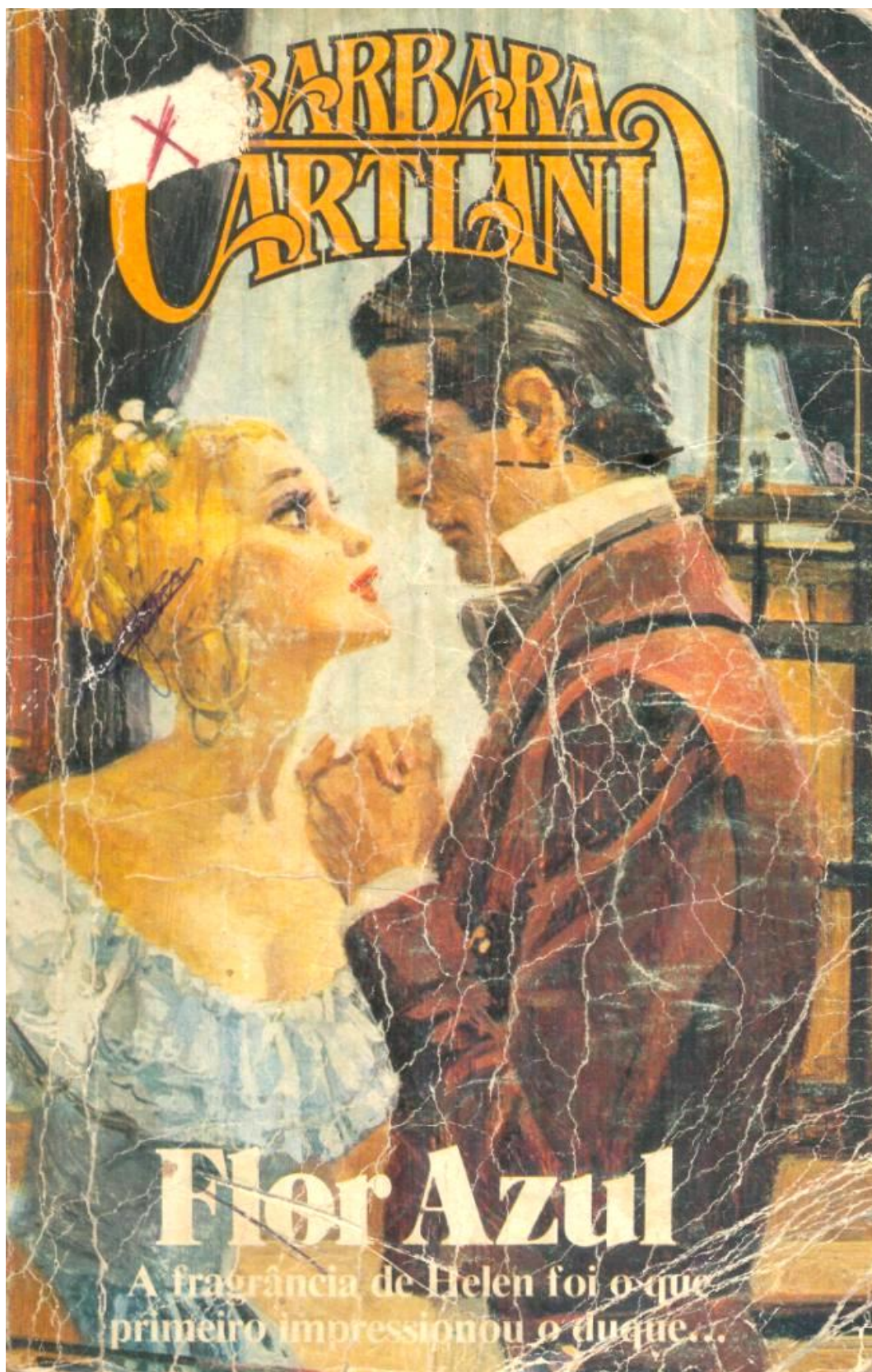




Flor Azul

Barbara Cartland



Título original: "White Lilac"
Copyright: © Barbara Cartland 1984
Tradução: Alda Nurmberger
Copyright para a língua portuguesa 1985
Abril S.A. Cultural — São Paulo
Esta obra foi composta na Linoart Ltda. e impressa na Editora Parma Ltda.
Nova Cultural — Caixa Postal 2372 — São Paulo

Coleção Barbara Cartland n° 131

A fragrância de Helen foi o que primeiro impressionou o duque...

Deitado ao lado de Heleh naquele quarto úmido e isolado, o duque Ervan Marazion sabia que o amor que nascera entre eles duraria para sempre. Mas a ganância do terrível capitão Daltry os ameaçava! Se eles não conseguissem fugir dali, aquela seria a primeira e a última noite que passariam juntos. Pensando nisso, o duque beijou Helen, depositando nessa emoção todas as suas esperanças.

CAPÍTULO I

1846

— A cerração está cada vez pior, milorde!

Sem dar resposta à observação do criado, o duque reduziu a velocidade da carruagem. Diante das circunstâncias, só lhe restava procurar algum lugar onde pudesse passar a noite, já que seria inútil tentar chegar à casa de seu anfitrião, o marquês de Buxworth.

No entanto, a idéia de alterar os planos no último momento o irritava sobremaneira, e, se dependesse somente de sua vontade, continuaria a viagem, com ou sem cerração, até alcançar seu destino.

A obstinação sempre fora o traço marcante da personalidade do duque, e, graças a isso, ele fora considerado o esportista mais notável de seu tempo, correndo uma milha em quatro minutos e trinta e seis segundos, em Harrow, para depois destacar-se em Oxford, superando a si mesmo no remo e estabelecendo recordes em várias provas de atletismo.

Ele também escalara o Matterhorn, e, representando a Inglaterra, saíra vitorioso de todas as competições de esgrima na Europa; seus cavalos haviam vencido a maioria das corridas, tanto as clássicas quanto as corridas de obstáculos.

Mas o fato de dedicar boa parte de seu tempo às atividades esportivas não o impedia de desenvolver também seu potencial intelectual, nem de administrar os bens da família com extrema eficiência. Suas propriedades, espalhadas pelo país, eram modelos de organização e o mantinham de tal modo ocupado, que seu dia seria suficiente para levar à exaustão qualquer um que não dispusesse seu invejável preparo físico.

Mais uma vez, ele observou o intenso nevoeiro à sua volta. Já não se conseguia divisar os bosques, totalmente encobertos por densas nuvens brancas, e tornara-se quase impossível identificar as marcas da estrada.

Apesar de decidido a não faltar ao compromisso assumido, era evidente que não havia condições de prosseguir, e que teriam de fazer uma pequena parada. Além disso, os animais pareciam cansados, e o duque tinha por princípio nunca exigir demais dos seus cavalos.

— Se não me engano, Hanson, há uma estalagem logo adiante. Lembro-

me vagamente de já ter passado por aqui.

Embora há muito não visitasse aquela região, a memória lhe fora fiel.

Depois de alguns minutos, avistaram uma réstia de luz, vinda de um antigo casarão à beira da estrada, de linhas arquitetônicas bastante simples e construção sólida.

Assim que se dirigiu ao interior da estalagem, o duque foi prontamente recebido por um funcionário solícito e pelo dono do estabelecimento.

O local dispunha de confortáveis acomodações. Entretanto, receando ser incomodado pelo vozerio de homens embriagados^ como já lhe ocorrera no passado, o duque fez questão de que os quartos adjacentes ao dele se mantivessem desocupados e que lhe fosse destinada uma sala de estar particular.

O proprietário ensaiou uma reação de surpresa e de ofensa, mas, imediatamente, reconsiderou sua atitude. Afinal, o visitante era pessoa de posses, e portanto poderia arcar com todas as despesas extras decorrentes dessas exigências.

Enquanto aguardava o jantar, o duque pensava no resto de sua comitiva, que se perdera na cerração. Por sorte, um de seus melhores cavaleiros a dirigia, e sem dúvida acabariam se reencontrando posteriormente.

Não havia motivo para preocupações, mesmo porque encontrara uma estalagem boa e um de seus criados poderia colaborar com sucesso no preparo da refeição, além do próprio Hanson, que se saía bem como cozinheiro.

— Farei o possível para servi-lo, milorde — disse o criado, enquanto o duque consultava o cardápio. — É uma pena que o jovem Henry não esteja aqui conosco. Ele se sai melhor do que eu na cozinha!

— Ora, não seja modesto, Hanson! Ah, não esqueça que estou viajando como sir Ervan Trecarron!

— Sim, naturalmente, sir!

Era comum, em situações como aquela, o duque utilizar-se de um de seus títulos menores. O anonimato tornava-o apenas um entre os demais, o que o deixava à vontade com as pessoas que o cercavam.

— Se me permite, sir Ervan, vou para a cozinha agora. Tem certeza de que pode se arranjar sozinho?

— Claro! Não se preocupe, Hanson!

Com um sorriso nos lábios, o duque lembrou-se das inúmeras vezes em

que, na África ou no Extremo Oriente, arranjava-se bem sem a ajuda de nenhum criado, ou então sendo atendido apenas por algum nativo semi-analfabeto e despreparado.

Nessas ocasiões, ele preferia viajar só, pois os criados ingleses tinham dificuldade de se adaptar a situações novas e acabavam se tornando um problema, em vez de ajudar. Antes de subir para seus aposentos no primeiro andar, o duque permaneceu alguns minutos em frente à lareira, observando o fogo que consumia lentamente a lenha. Depois galgou os degraus com rapidez, dirigindo-se ao quarto grande e arejado, decorado com simplicidade. Hanson já tomara providências para que a lareira fosse acesa, o que dera um toque aconchegante ao ambiente ele tirou a capa e as pesadas vestimentas que usara na viagem, percebendo que o baú de roupas já fora colocado ali pelo criado. Um banho teria sido de seu inteiro agrado, porém ele descartou a idéia, a fim de não atrasar o jantar que, em breve, seria servido. Como se dirigira imediatamente aos seus aposentos, não saberia dizer se havia outras pessoas ali hospedadas, mas era de se esperar que sim, nem que fosse devido à inesperada cerração. Privado do auxílio do criado, ele se vestiu mais rapidamente do que quando acompanhado. Aliás, cuidar de si mesmo lhe agradava sobremaneira, embora não ousasse confessá-lo a Hanson.

Em seguida, sentou-se numa poltrona e ficou ali por algum tempo, rememorando os acontecimentos do dia e indagando-se sobre a reação do marquês diante de sua ausência no jantar. Ele o convidara através de uma carta amistosa e insistente, e provavelmente organizara um jantar de gala em sua honra. Àquela hora, portanto, devia estar muito desapontado com sua ausência. Consciente de que não havia nada que pudesse ser feito a esse respeito, o duque tratou de afastar qualquer preocupação, e, retirando da mala o livro que vinha lendo nos últimos dias, desceu novamente a escada, rumo à sala de estar que lhe fora reservada. Após servir-se de uma dose de vinho, procurou a marca deixada no meio do volume e recomeçou a leitura. Entretanto, não conseguiu concentrar-se na narrativa, preocupado com a proposta que lhe havia sido feita e que constituía o motivo real de sua jornada.

Aquela empreitada seria realmente vantajosa, como lhe assegurara o capitão Daltry? Não estaria ele sendo envolvido pelo entusiasmo e pelas palavras persuasivas de um homem ardiloso?

— É a chance de sua vida! — dissera o capitão com exarado otimismo. —

E garanto que só lhe fiz a oferta por ser um de seus maiores admiradores há muitos anos.

O suposto elogio, no entanto, se tornara um aborrecido cumprimento a que o duque já se acostumara. Com frequência, via-se cercado por bajuladores, com interesses pessoais óbvios, e Daltry, provavelmente, não passava de um deles.

Interessado em vender uma mina de carvão, em co-participação com um amigo, o capitão entrara em contato com ele dezenas de vezes, argumentando que as estradas de ferro em pouco tempo encheriam o país, transformando aquele minério no combustível mais precioso do mundo.

Ele lembrava ainda que muitos contavam com carvão sob suas terras, o que lhes possibilitaria usufruir benefícios de uma demanda que crescia de mês para mês.

Além disso, considerando que os meios de transporte haviam sofrido um avanço notável com a chegada dos trens, muito em breve os cavalos cairiam de moda.

— Não no que me concerne! — exclamara o duque, que já viajara de trem e o achara desconfortável, barulhento e sujo.

Apesar de ser suficientemente sensato para avaliar a importância futura desse meio de transporte, em especial para o uso popular, ele preferia incrementar sua própria criação de cavalos, espalhando-a ao longo das principais estradas do país, aumentando o tamanho dos estábulos e o número de animais. Mas isso não anulava sua curiosidade em relação às reais intenções de Daltry naquela transação. Como não o conhecesse suficientemente bem, o duque havia tentado, sem muito sucesso, colher informações sobre o capitão.

Descobrira apenas que ele servira na Índia e deixara o regimento e o país aparentemente sem nada que o desabonasse. Havia muitas pessoas que o conheciam; entretanto, era difícil encontrar alguém que pudesse realmente fornecer algum dado significativo a respeito de seu caráter ou ramo de atividades.

.Daltry! Sim, claro, encontrei-o várias vezes nas corridas e no clube. É uma pessoa agradável e simpática, mas confesso não poder informar nada de substancial sobre ele...

Pelo menos, não havia nenhum indício de que Daltry fosse desonesto; os papéis que ele lhe deixara tinham sido cuidadosamente examinados pelos

secretários do duque, que não encontraram neles uma irregularidade sequer.

O capitão demonstrara também estar bem informado sobre tudo o que se referisse a minas de carvão. Mesmo assim, o duque insistira em conhecer o local, antes de concretizar o negócio.

— Essa medida não é necessária, milorde — retrucara Daltry. — Como pode notar, trouxe-lhe o parecer de conhecedores da matéria, e eu, particularmente, estive na mina em três ocasiões distintas, ficando imensamente impressionado com suas possibilidades futuras.

— Realmente parece tratar-se de um excelente negócio. Mas, de qualquer modo, preciso ir a Linconshire, onde tenho vários amigos. Como pretendo passar algum tempo com eles, não quero perder a oportunidade de ir, pessoalmente, inspecionar o local.

— Oh, claro, claro! Estarei à disposição para lhe mostrar a mina e os arredores. A região é agradável, e as casas do lugarejo, embora precisem de pequenos reparos, não deverão representar um “grande ônus.

Procurando na lista o nome dos conhecidos que residiam pelas redondezas, o duque se decidira pelo marquês de Buxworth, que havia sido amigo íntimo de seu pai. Sua intuição não falhara, e o marquês, ao responder à sua carta, demonstrara prazer em recebê-lo como hóspede. Na volta, o duque pretendia passar uma noite com lorde D'Arcy Armitage, um antigo companheiro de corridas e assíduo freqüentador dos clubes comuns ao seu círculo de amigos.

Entretanto, ele não revelara a nenhum dos dois amigos o motivo verdadeiro de sua visita. Segundo Daltry. O negócio era sigiloso, e a prudência aconselhava que evitassem especulações sobre a venda da mina.

— Ela pertenceu a um antigo fazendeiro local, recentemente falecido — explicara o capitão. — O filho que a herdou, sem fazer idéia de seu valor e potencial, pretende permanecer em Londres. Isso possibilitará ao senhor adquiri-la por um preço bem baixo. Por outro lado, não resta dúvida de que haverá necessidade de se investir em maquinaria. Aconselho-o também a dobrar o número atual de funcionários. Como vê, quero ajudá-lo a fechar um excelente investimento, e só lhe peço que não comente nada por ora.

A exigência de sigilo, aliás, era um dos aspectos daquela transação que causara um certo mal-estar ao duque. Ele sempre preferia agir às claras, sem subterfúgios, principalmente sabendo que iria beneficiar-se da ignorância de alguém quanto ao valor real do que estava sendo negociado.

O Capitão Daltry, experimentado comerciante, logo percebera sua relutância:

— O jovem Newall é um tolo, e já pôs a perder quase tudo o que o pai lhe deixou. Se o senhor não a adquirir, certamente um comprador inescrupuloso o fará, retirando tudo o que a mina pode fornecer sem se preocupar com determinadas precauções, e explorando o trabalho humano de forma cruel.

De fato, esse argumento era bastante convincente. E o próprio duque soubera, através dos jornais, das péssimas condições de trabalho impostas aos mineiros, que haviam chocado a opinião pública britânica em 1842.

Por outro lado, desde essa época, as minas de carvão sofriam rigorosa fiscalização. Porém, sempre haveria aqueles mais interessados em dinheiro do que em vidas. Os acidentes eram comuns, e sempre com conseqüências desastrosas para os mineiros, fato que facilmente seria evitada, através de um planejamento rigoroso. Daltry arrematara dizendo que, em função disso, ele mesmo tomava as precauções necessárias à segurança dos seus trabalhadores.

Era óbvio que tais argumentos visavam a impressionar, e, temendo ser sugestionado, o duque começara a planejar a viagem uma semana antes, não descuidando de nenhum detalhe.

Inicialmente, fizera uma breve visita à sua mãe. Informada de sua ida àquela parte do país, a boa senhora imediatamente dera asas à imaginação, encontrando para ela um motivo bem diferente:

— Será possível, Ervan, que minhas preces foram finalmente atendidas e você decidiu procurar uma esposa?

— Ora, mamãe! O que a faz pensar isso?

— Você me disse que vai visitar o marquês de Buxworth... Pelo que sei, a filha dele é muito bonita e está na idade ideal.

— Não imagino o que seja a “idade ideal”, mamãe.

— Sempre achei, Ervan, que um homem, principalmente um como você, deve sempre ser um pouco mais velho do que sua esposa.

Dito isso, ela se recostara no sofá e, com um olhar sonhador, como se doces lembranças a envolvessem prosseguira:

— Seu pai tinha doze anos a mais do que eu e fomos tão felizes! Lembrome da primeira vez em que o vi: tão bonito e atraente quanto um deus vindo do Olimpo. E foi sempre assim, até o dia de sua morte!

— Papai teve muita sorte em conhecê-la, mamãe. Quanto a mim, ainda

não encontrei uma mulher com quem pudesse me imaginar casado...

— Estou certa disso! Mas, querido, lembre-se de que, embora você seja um quarto duque muito atraente, amado e respeitado por todos, deve haver também um quinto e um sexto, e outros mais...

— Ora, mamãe! Você fala como se eu estivesse a beira da morte! — respondera ele, rindo. — Ainda não cheguei aos vinte e nove anos, e asseguro-lhe que ainda há muito tempo para pensar em casamento.

— Você tem sempre uma resposta pronta. Aposto que daqui a dez, vinte, trinta anos estará dizendo a mesma coisa!

— Hum, não seja tão pessimista, mamãe. Sempre há a possibilidade de eu encontrar a mulher ideal no pico do Himalaia, navegando o Amazonas, ou na Acrópole, em Atenas.

E quase acrescentara:

— Ou nas profundezas de uma mina de carvão!

Mas, antes de pronunciar a última frase, ele se dera conta da imprudência de tal observação. Além de não ser engraçada, delataria os objetivos de sua viagem inesperada para o norte, que tanto queria manter em sigilo, principalmente para a mãe, que costumava passar as notícias de imediato às amigas.

— Não posso compreender...

— O quê, mamãe?

— Que você, com todo o seu charme, tendo à sua volta mulheres fascinantes, não tenha conseguido se apaixonar.

— Eu não faria uma afirmação tão radical assim...

— Ora, Ervan! Estou falando de um amor puro, verdadeiro, não desses seus romances, de que ouço falar há tanto tempo.

— Pois não deveria ouvir! — dissera ele, um pouco irritado. Mas logo refletira que não devia se preocupar com aquilo.

Afinal, sabia muito bem que tudo o que fazia era imediatamente relatado à mãe. Mesmo antes de o filho se decidir a começar um *affaire de coeur*, ela se informava de todos os seus passos e até de cada beijo.

Sentando-se ao seu lado, no sofá, o duque pegara-lhe a mão, num gesto carinhoso.

— Eu a amo, mamãe, e embora queira sempre agradar-lhe, saiba que a única culpada de tudo isso é você.

— Eu? Mas como?! Já não pedi várias vezes que procure uma esposa?

— É verdade... Mas, quando a comparo às mulheres que conheço, elas acabam não só por me desapontar, mas até por me aborrecer.

Embora fosse sua intenção agradar à mãe, o que, aliás, conseguirá com êxito, havia também sinceridade em suas palavras. Dona de superior beleza e inteligência, a duquesa sempre fora muito cortejada, principalmente em sua juventude, quando se casara e se tornara uma lenda na sociedade de então, reverenciada por todos, homens ou mulheres, ricos ou pobres.

Extremamente simples, tinha uma bondade inata, tratando as pessoas com distinção e respeito, sem se importar com a posição que ocupassem ou a quantidade de bens que possuísem. Além do mais, sendo feliz com o marido, contagiava a todos os que a rodeavam com sua alegria.

O próprio duque aprendera muito, observando a mãe e sua excepcional capacidade de valorizar as pessoas e de colocar brilho e beleza em tudo o que visse ou tocasse, qualidades que ele jamais encontrara em nenhuma outra mulher.

A duquesa olhava-o ternamente, compreendendo que o filho, a exemplo do pai, procurava a perfeição, alguém que realmente pudesse fasciná-lo por toda a vida.

— Eu sabia que você era diferente de todas as mulheres que conheci! — dissera-lhe o terceiro duque, ao pedi-la em casamento.

Aqueles dias maravilhosos, em que se hospedara na casa de uma amiga, durante os bailes de caça, jamais lhe haviam saído da lembrança.

Naquela época, ela passava por algumas dificuldades financeiras, decorrentes de uma má fase nos negócios de seu pai. A amiga tudo fizera para unir aqueles dois jovens que, com frequência, cavalgavam lado a lado. Fora, sem dúvida, amor à primeira vista, e ela parecia estar num sonho, não só por viver uma grande paixão e ser correspondida, mas também porque o duque a considerava a personificação da beleza.

No entanto, a consciência de sua situação econômica inferior a fizera hesitar frente ao compromisso.

— Você é uma pessoa tão importante, com tantas obrigações!

— Isso não significa nada, se nos amamos — retorquira o terceiro duque, fitando-a longamente. — Desde o momento em que a vi pela primeira vez, tenho a sensação de que a conheço há muito tempo. Na verdade, foi o que senti: a noção de um reencontro. E percebi que o mesmo se deu com você...

E, na verdade, era exatamente isso que se passava em sua mente e em

seu coração.

Fora como reencontrar o companheiro de sonhos, com o qual convivia desde a infância e que, naquele momento, era real e estava ali, a seu lado, montado no mais garboso cavalo que já vira, sorrindo-lhe e fazendo seu coração bater descompassado.

Absorta pelas lembranças de seu passado romântico, a duquesa nem percebera que apertava, entre os seus, os dedos do filho.

Ainda emocionada, ela o olhara por um longo tempo, antes de dizer:

— Quero apenas que seja feliz, meu filho! Como eu e seu pai o fomos.

— Eu também, mamãe. No entanto, temo que isso não venha a acontecer jamais.

— Bem, só me resta rezar.

Um pequeno silêncio caíra na sala, logo quebrado pela duquesa:

— E o que aconteceu com aquela ruiva que todos chamam “medusa dos tempos modernos”?

— Se alguém mais no mundo pudesse ouvi-la, mamãe, certamente ficaria horrorizado. A princesa é tida como a mulher mais bela de Viena!

— Também é tida como *mais* em outras coisas! Lembre-se, Ervan, de que os maridos austríacos costumam levar a sua honra muito a sério.

— Também ouvi comentários a respeito disso. De qualquer modo, vai gostar de saber que a princesa deixará a Inglaterra amanhã, para encontrar-se com o marido, em Paris.

— Já não era sem tempo!

— Considero-a bastante atraente, e não me agradam as acusações que se fazem contra ela — respondera ele, tentando conferir um ar de seriedade às palavras, embora um sorriso malicioso em seus lábios o traísse.

Como o pensamento constitui um exercício silencioso, alheio a críticas, o duque se sentira à vontade para admitir que não conquistara a princesa, mas fora seduzido por ela.

Não podia negar que admirava a persistência da princesa, capaz de engendrar as mais sofisticadas armadilhas e de esperar pacientemente pela presa. Aliás, só lhe restava mesmo admirar a paixão que ela lhe devotara, um amor ardente e insaciável, que lhe valera os momentos mais voluptuosos de todos os que experimentara na longa lista de seus romances.

Entretanto, ele não conseguia identificar com clareza que tipo de mudança começava a se operar em seu íntimo. Talvez fosse o efeito da

calmaria, após a tempestade deliciosa de um romance bem aproveitado, ou o despertar de um antigo sonho de infância, adormecido por outros ideais de juventude.

Sabia apenas que estava determinado a abandonar esses romances inconseqüentes, e diversas vezes surpreendia-se recordando o entendimento perfeito que envolvia seus pais.

Ainda sorrindo, ele fizera questão de garantir à mãe que o caso com a princesa estava definitivamente encerrado –E de convencida disso, a duquesa continuava especular sobre as razões de sua viagem.

– Então, por que vai visitar o marquês de Buxworth?

– Segundo fui informado, tanto ele como D'Armitage contam com belíssimos cavalos e eu gostaria muito de vê-los.

– Cavalos! Será que você não pensa em outra coisa?

– Às vezes, mamãe, preocupo-me também com aquilo sobre o que acabamos de conversar!

– Então, agora que sei que terminou o romance com a princesa, só me resta imaginar quem a substituirá.

– Também gostaria de saber!

Sentado confortavelmente em frente à lareira, o duque continuava a meditar sobre a compra da mina. Imaginou-se chegando ao lar, depois daquela viagem, e, na hipótese de ter uma esposa, que considerações ela teria a fazer sobre o negócio. Imediatamente, refletiu que, a esse tipo de perguntas, uma mulher não estaria apta a responder. A maioria delas vivia interessada apenas em vestidos e festas, ou em romances, demonstrando pouco ou nenhum interesse por negócios.

– Em que pensam as mulheres, realmente? – perguntara, certa vez, a um amigo.

– Tanto quanto sei, somente no amor, Ervan. Fosse isso verdade, era preferível continuar solteiro mesmo. Conversar sobre amor pela manhã, à tarde e à noite, sem mais nada com que ocupar a mente, devia ser não só uma perda de tempo, mas também uma monotonia.

– Nesse caso, para que serve o casamento, se, para uma conversa intelectual, tenho de ir ao clube, como o faço agora, e me encontrar com solteirões iguais a mim?

Nesse momento, o estalajadeiro entrou na sala de estar, acompanhado de duas robustas serviçais, impecavelmente trajadas, inicialmente lhe serviram a

sopa, com toda a certeza feita por Hanson. Havia também perna de carneiro, um pouco além do ponto, porém, ainda assim, deliciosa, e pato recheado, feito exatamente como ele apreciava, o que denotava mais uma vez o auxílio de seu fiel criado. O jantar, muito bem elaborado, estava completamente a seu gosto, e ele se serviu finalmente de um pouco de *brandy* envelhecido, após dois ou três pedaços de queijo. Dedicando ao proprietário os devidos elogios, o duque voltou para junto da lareira, onde pretendia permanecer por mais algum tempo.

Entretanto, ocorreu-lhe que, se a cerração estivesse menos densa no dia seguinte, deveriam partir logo cedo. Portanto, seria sensato recolher-se aos seus aposentos e descansar o suficiente para enfrentar a viagem.

Ao subir a escada, viu, de relance, dois homens que ainda jantavam e uma mulher, de costas para ele. Provavelmente, por estar ocupado em preparar-lhe o jantar, o proprietário atrasara o atendimento aos demais hóspedes.

Ao chegar a seus aposentos, o duque constatou que Hanson já lhe deixara tudo preparado, não se descuidando sequer do velho hábito de viagem: colocar a roupa de dormir e o roupão próximos à lareira, de modo a conservá-los quentes, uma vez que as estalagens costumavam ser frias. Após vestir-se rapidamente, Ervan acomodou-se junto ao fogo, refletindo no poder mágico que a lareira guardava de transformar um simples quarto de estrada em algo aconchegante. Apreciava a sensação de estar junto ao fogo desde a infância, quando vinha gelado da escola e encontrava a lareira sempre acesa pela mãe.

Considerava, entretanto, que os desconfortos, como o do frio e o de freqüentar uma escola comum, haviam sido educativos para ele, pois as privações temperam o caráter das pessoas,, e como lhe dissera certa vez um soldado: a vida. moderna torna o homem indolente!

Evidentemente, apreciava o conforto, mas concordava que o excesso era prejudicial. Por associação, lembrou-se de que os trens poderiam vir a representar no futuro um meio de transporte bastante confortável, embora igualmente pudessem estimular a indolência, já que as pessoas não estariam exercitando os músculos de forma regular, como quando cavalgavam.

Apesar de reconhecer que ninguém seria capaz de impedir a marcha do progresso, sentia-se cada vez mais inclinado a desistir de qualquer transação referente a minas de carvão.

“Carroças, carruagens e, agora, trens! O que virá depois disso?”, perguntou-se, pensando nos balões dos jardins Vauxhall, que talvez prenunciassem que o próximo passo seria a conquista do céu.

Considerando o adiantado da hora, resolveu ir deitar-se quando lhe pareceu ouvir batidas leves à porta. Apurou os ouvidos, tentando obter a confirmação, mas, para sua surpresa, ela se abriu repentinamente.

Foi então que percebeu que a porta aberta não era a de entrada, mas uma outra, que dava acesso ao quarto vizinho.

Censurando-se por não ter examinado todas as portas antes de deitar-se, ficou atônito ao se deparar com uma bela jovem em trajes de dormir. Sem perda de tempo, ela entrou no aposento, fechou a porta com rapidez e dirigiu-se a ele, ansiosa:

— Por favor, o senhor se importaria muito se eu ficasse aqui por dois ou três minutos?

Como o duque parecesse confuso e indeciso, a moça se apressou em explicar:

— Um homem está tentando entrar em meu quarto e eu não sei o que fazer...

— Um homem?! Quem? Refere-se a um viajante?

Ela se aproximou um pouco mais e, em voz baixa, respondeu:

— Bem, enquanto estive lá embaixo, ele conversou comigo. Mesmo fazendo-me de desinteressada, sentou-se junto de mim à mesa, e ofereceu-me vinho!

Embora tentasse aparentar calma, suas mãos tremiam, e era evidente que a jovem estava amedrontada.

— Então, o que aconteceu?

— Antes mesmo de terminar a refeição, eu me levantei e disse boa-noite, preocupada em me proteger.

— Ele retrucou?

— Não; ele nem se levantou. Apenas disse que estaria comigo em poucos minutos! — Ela fez uma pausa, respirando profundamente. — De início, fiquei apavorada, mas logo considerei que, uma vez trancada em meu quarto, estaria a salvo.

— E isso não aconteceu?

— A tranca é frágil e, sem dúvida, qualquer homem a arrebentaria com facilidade... Fui tola em não me lembrar disso antes! Mudei de roupa e, logo

depois, ouvi a voz dele, conversando com seu companheiro de viagem.

Ainda assustada, ela continuou, apertando os dedos:

— Foi então que tomei consciência do perigo que corria e, vendo a porta de comunicação, pensei que pudesse me esconder.

— E veio parar aqui em meu quarto!

— Sim, quando vi a luz por baixo da porta, achei que poderia me ajudar.

— E o que a fez pensar assim?

— Eu o vi descendo a escada para o jantar.

— Mas o fato de ter me visto por rápidos instantes foi o suficiente para fazê-la confiar em mim?

— O senhor parece um nobre.

— Um príncipe ou um rei? — perguntou ele, divertido com aquela observação.

Já um pouco mais calma, a moça parecia disposta a conversar:

— Não necessariamente. Alguém como um falcão real.

Ela sorriu diante da expressão intrigada do duque, apressou-se a explicar:

— Devo avisá-lo de que tenho por hábito comparar as pessoas aos animais. Aquele homem que está me seguindo, por exemplo, eu o vejo como um réptil perigoso.

O duque riu, e a jovem levou os dedos aos lábios, num gesto de quem queria escutar melhor.

Podia-se ouvir, claramente, sobre o assoalho de madeira, os passos cuidadosos de quem espreita, em seguida, uma leve batida na porta, e, não muito tempo depois, um empurrão dado com o ombro, que arrebentou o trinco com facilidade.

Ela olhou para o duque, com uma expressão de terror e a palidez acentuada.

— Como pôde fazer isso? Jamais imaginei que um homem fosse tão grosseiro!

— Não se assuste, está segura aqui! Sente-se, e cuidarei de que ele não a moleste mais.

— Obrigada, muito obrigada! Tinha certeza de que me ajudaria!

— Alegro-me em saber que lhe dei essa impressão. Mas com certeza não está viajando sozinha. Por acaso perdeu-se na neblina?

— Eu estava na estrada, esperando o coche, mas a cerração piorou, e

achei prudente vir para a estalagem. Seria bem provável que a carruagem fizesse uma parada aqui, para descanso dos passageiros e dos cavalos.

Nesse caso, foi a carruagem que se perdeu na cerração, o que não é de se admirar. Mas para onde vai?

— Para Londres.

— É uma grande distância. Com toda a certeza, deve ter uma companhia...

Ela desviou o olhar em direção à porta, como se estivesse envergonhada:

— Viajo sozinha. Por estranho que pareça, não havia ninguém em quem eu confiasse a ponto de pedir que viesse comigo.

— A senhorita parece estar fugindo... Como não houvesse resposta, ele completou:

— Se for da escola, vou levá-la de volta.

— Não, não fugi da escola! E não se preocupe: ficarei aqui somente até que aquele homem se vá.

— Por certo, haverá outro como ele amanhã, depois de amanhã, e assim por diante...

— Ora, não é possível que todos os homens sejam assim! Além do mais, eu nunca o vi antes.

Contendo o riso diante de tamanha inocência, ele observou:

— Moças decentes não costumam viajar sozinhas. Mesmo que haja mais mulheres na carruagem, há sempre a possibilidade de ocorrerem outros fatos semelhantes. Não esqueça que está numa estalagem com três desconhecidos, todos homens!

— Mas o senhor é diferente...

— Agradeço-lhe pela imagem que faz de mim; mas quem lhe garante que eu não me transforme numa ameaça, como o homem que invadiu seu quarto?

— Não, o senhor é um nobre. Percebi isso no momento em que o vi.

— Bem, agradeço novamente. Agora, diga-me: por que vê as pessoas como animais?

— Eu os desenho assim.

— Desenha?!

— Eu decidi ser artista; por isso, vou a Londres. Pretendo entrar numa academia de artes e me sustentar com a venda dos meus desenhos.

— E por que deseja fazer isto?

— Estou cansada de obedecer e fazer coisas que não me agradam! Embora me entristeça deixar meus cavalos para trás, minha independência está em primeiro plano!

— Isso é impossível para uma mulher!

— Por quê? — indignou-se a jovem. — Aos homens, tudo se permite, enquanto as mulheres são subjugadas, confinadas. Não há palavra melhor: são dominadas desde o momento em que nascem!

Diante daquele contraste entre a fúria de suas palavras e a feminina fragilidade de sua figura física, o duque teve de fazer um grande esforço para conter o riso.

— Procure ser razoável.

— Como assim?

— Não espere que o mundo assuma seu ponto de vista, nem acredite que conseguirá evitar os insultos de homens do tipo daquele que a abordou hoje.

— Não é justo que exista uma norma para os homens e outra para as mulheres.

— Creio que, desde o início dos tempos, tem sido essa a principal queixa das mulheres. Até agora, porém, nada foi feito a respeito disso.

Inconformada, ela prosseguiu na argumentação:

— Primeiro, somos subjugadas por um pai, depois, por um marido! Como posso ser eu mesma e cuidar de minha própria vida, sem ser rica o suficiente para me manter?

— Vou provar que está errada. Tente voltar ao seu quarto e encarar quem estiver lá à sua espera! — desafiou-a, sério.

— Isso não é direito. O senhor está quebrando as regras do cavalheirismo!

— Desculpe-me. Desejava apenas convencê-la de que precisa de alguém que a proteja.

— Faria alguma diferença se houvesse uma velha cansada comigo, por exemplo?

— Sim, é evidente! O simples fato de estar acompanhada impediria que qualquer homem se aproximasse para lhe falar.

— Ora! Isso é ridículo!

— Não sou o responsável pelas regras sociais, e estou convencido de que nem eu nem a senhorita temos forças para mudá-la.

— Então, o que posso fazer?

— Volte para casa e não fuja até que tenha condições de planejar melhor sua viagem. Deve assegurar-se de que pelo menos não estará se perdendo no meio da cerração.

— Voltar, nunca! É algo que não posso, nem tenho a menor intenção de fazer.

— Neste caso, sendo nobre ou não, sou obrigado a lavar as mãos quanto à senhorita!

— O que quer dizer? — indagou ela, com visível apreensão.

— No que me diz respeito, quero dormir; e a única sugestão que posso lhe fazer é que volte para o quarto de onde veio. Se preferir, há um outro aqui ao lado, reservado por mim, que também poderá ocupar.

Ela sorriu, aliviada com suas últimas palavras:

— Seria ótimo! Prometo que não se arrependerá! Eu me mudarei em silêncio. Mais uma vez, obrigada! Sabia que podia confiar no senhor!

— Está tudo bem, embora eu ainda me sinta, de certo modo responsável pela senhorita. Além do mais, tudo isso poder acontecer de novo amanhã à noite.

— Oh, não! Nem pense nisso! Além do mais, o senhor não estará aqui!

— Nesse caso, o melhor que tem a fazer é voltar para casa

Houve um silêncio significativo, e ele percebeu que a jovem refletia seriamente sobre o seu conselho. Eu não posso fazer isso!

— Por quê?

Ela permaneceu em silêncio e, pela expressão de seu rosto o duque teve a certeza de que ela não lhe diria a verdade.

CAPÍTULO II

O duque continuava aguardando a resposta da jovem, que, depois de algum tempo, quebrou o silêncio, descobrindo finalmente um modo de desviar o rumo da conversa:

— Gostaria de mostrar-lhe a razão de minha viagem a Londres, e apreciaria ouvir sua opinião.

O duque franziu as sobrancelhas, intrigado, e ela esclareceu: — São alguns dos meus desenhos e pinturas. Estão em meu quarto...

Como ela hesitasse ante a perspectiva de voltar ao quarto, ele disse:

— Eu os trarei. Onde os colocou?

— Numa pasta, junto à parede da janela.

— Antes, porém, eu gostaria de saber seu nome.

— Helen... Calvert.

A pausa que ela fez antes de dizer o sobrenome traiu sua intenção de não revelar seus familiares. Mas o duque nada disse, preferindo ir buscar os quadros. Guiado pela luz de seus próprios aposentos, ele atravessou o quarto anexo e entrou no de Helen. Embora não houvesse sinal da presença do homem que a perseguira, a porta encontrava-se aberta, e o trinco quebrado.

Apesar de reconhecer que tais fatos eram muito freqüentes, chocava-o imaginar quão desagradável seria, para uma mulher, ver-se insultada daquela maneira.

Passou os olhos pelo quarto e viu uma maleta aberta, com roupas, e ao lado, junto à parede, uma grande pasta de desenho. Ao pegá-la, chamou-lhe a atenção o perfume que exalava, bem suave e agradável. Intrigado com o fato de que uma moça sozinha tivesse condições de adquirir tal perfume, lembrou-se da aparência de Helen, que não parecia ser desprovida de bens.

“Então, por que deseja ir a Londres e viver às próprias custas?”, pensou ele.

Admitiu a hipótese de serem presentes de um amante que talvez a tivesse abandonado sem provê-la para o futuro, porém logo descartou a idéia. Estava claro que ela não era uma mulher experiente nesse aspecto, já que se espantara tanto pelo fato de um homem a seguir até seu quarto.

De qualquer forma, a última coisa que o duque pretendia era envolver-se com os problemas daquela jovem. Principalmente porque não concordava com os pontos de vista da nova geração, que acreditava ser possível a uma

mulher manter-se só, em vez de concentrar-se na idéia de um casamento com um homem que a protegesse.

O duque voltou para seus aposentos. Helen, embora satisfeita por ele ter encontrado a pasta, estava preocupada:

— Aquele homem entrou mesmo em meu quarto?

— Sim, ele quebrou o trinco, e a porta estava escancarada.

— Oh, meu Deus! Obrigada, muito obrigada por ter-me deixado ficar aqui. Se tivesse recusado, não sei o que seria de mim!

— Tudo isso pode acontecer novamente; portanto, digo-lhe mais uma vez: o melhor que tem a fazer é voltar para casa!

Ela ensaiou uma reação de defesa, mas acabou desistindo:

— Por favor, deixe-me mostrar-lhe meus desenhos. Tenho a impressão, embora possa estar errada, de que conhece e aprecia a arte.

O duque olhou para ela, impressionado com sua capacidade de percepção. Realmente, ele se interessava bastante pelo assunto, e seu conhecimento se estendia até os artistas modernos.

Patrono da Real Academia de Artes e dono de uma coleção invejada, a própria rainha costumava consultá-lo, nas ocasiões em que pretendia adquirir quadros para o Palácio de Buckingham ou para o Castelo de Windsor.

Ele se sentou na única poltrona do quarto, enquanto Helen se acomodava junto à lareira, segurando a pasta.

— Quero que seja absolutamente franco! Se achar que não tenho talento para a pintura, por favor, diga-me!

O duque já vira uma quantidade imensa de aquarelas, muito em moda como passatempo para as moças, e era de opinião que os amadores deveriam deixar a arte para os profissionais e se ocuparem de outras coisas. Por isso, preparava-se para uma nova série de aborrecidos trabalhos.

Ela lhe estendeu o primeiro desenho, explicando:

— Este é meu cavalo. Está comigo desde que nasceu, e o amo mais do que tudo no mundo!

O duque fixou a atenção no pequeno mas notável desenho de um cavalo, cujo traço principal era o vigor dos movimentos.

Ao contrário dos trabalhos de amadores, que costumavam pintar os animais como se estivessem suspensos, dando-lhes um quê de irreal, o desenho de Helen retratava bem a sensação de liberdade que o cavalo transmitia, galopando velozmente após ter-se livrado das cercas do estábulo.

Cada músculo trabalhava de acordo com seus movimentos, e os pequenos erros técnicos da autora seriam reparados com facilidade.

Ele nada comentou e devolveu o desenho a Helen, que lhe estendeu outro completamente diferente. Três coelhos, dois dos quais atentos a um perigo iminente, preparavam-se para a fuga, enquanto o outro demonstrava total alheamento. Tratava-se, igualmente, de um bom trabalho, no qual se poderiam apontar vários pontos positivos, sobretudo em relação à idéia.

Novamente, ele não fez nenhum comentário e devolveu-lhe o desenho.

— Estes são os únicos trabalhos que trouxe comigo. — disse ela. — Os demais foram emoldurados por uma de minhas governantas, e não quis retirá-los de onde estão.

— Não há nada mais na pasta?

— Bem... Na verdade, tenho mais alguns... Mas talvez fique surpreso ao vê-los.

— Gosto de surpresas! — retrucou ele, sorrindo.

— Está bem, mas, antes, devo lhe explicar que são retratos de pessoas que conheci ou que vi rapidamente, enquanto hóspedes em minha casa. Entretanto, elas desconhecem completamente que foram, um dia, meus modelos.

Helen lhe estendeu outro trabalho e o duque deparou-se com uma caricatura de um homem em trajes de gala, com uma cabeça de raposa.

Tratava-se de um desenho tão bem traçado, que ele podia ter a certeza de reconhecer a pessoa, caso a encontrasse. Compreendeu, então, por que a jovem o imaginara como um falcão.

Sem esperar apreciações, ela lhe apresentou mais um retrato, de um velho de ventre volumoso e roupas surradas, com cabeça de um touro velho e bondoso, que provocou risos no duque, desanuviando a atmosfera tensa.

— Não está... chocado? — perguntou ela, um pouco receosa.

— Claro que não! São muito bons! Com quem aprendeu a fazer esse tipo de desenho?

— Bem, o problema é que ninguém me ensinou! Diversas vezes, pedi a papai que me permitisse assistir às aulas adequadas, mas eie sempre achou que isso seria um desperdício de dinheiro.

— Pelo que vejo, não tem muito o que aprender.

— Claro que sim! Tenho consciência de que meus desenhos não são suficientemente bons, e há muita coisa a aprimorar.

– Quais são seus planos?

– Com a venda dos meus desenhos, pretendo pagar um professor.

– E por que optou por esse tipo de caricatura?

– Foi algo que tentei e deu certo. Além do mais, pretendo chamar a atenção das pessoas para o modo indevido como tratam os animais, matando-os por divertimento, por exemplo.

– Será que a senhorita é uma daquelas pessoas que pregam contra a matança de animais, como os budistas, propondo-nos que comamos apenas vegetais?

– Não, não chego a esse extremo. Penso, entretanto, que, se é necessário matar um animal, isso deve ser feito de modo a provocar-lhe o mínimo de dor. Os animais sofrem da mesma forma que nós.

– Seguindo sua linha de raciocínio, o que acha que sentiriam essas pessoas, se vissem como a senhorita os retrata?

– Ora, mas não há problema nenhum nisso! As pessoas são caricaturadas desde os tempos de Jorge IV.

– Sim, eu sei. Mas estou certo de que não gostariam de se ver como animais.

– Eu só desenho assim as pessoas que não agem corretamente, de modo a mostrar-lhes seus erros!

– Segundo sua interpretação! – observou o duque, com sarcasmo.

– O senhor está sendo indelicado... e suponho que vai dizer que estou perdendo meu tempo.

– Honestamente, eu nunca poderia dizer isso. Seus trabalhos me impressionaram muito, principalmente pelo fato de a senhorita nunca ter contado com um professor.

– Quer dizer que os considera bons?

– Muito bons mesmo; excepcionais!

– Não posso acreditar! É mesmo verdade o que está me dizendo? – indagou Helen, visivelmente emocionada com aquelas críticas favoráveis.

– Suas pinturas do cavalo e dos coelhos constituem um brilhante esforço para descrever movimentos. No entanto, fico um pouco desconcertado ao ver como usa seu talento em seres humanos! Além do mais, é uma mulher, e nenhum homem importante gostaria de ser retratado como um tolo por uma representante do sexo frágil!

Ele percebeu um brilho diferente no olhar de Helen, que lhe estendeu

um outro trabalho, que ainda estava guardado na pasta.

Tratava-se da caricatura de uma mulher, e, mais uma vez, ela se esmerara em revelar seu olhar crítico. Apesar de muito bem-vestida, na última moda, do pescoço saía a cabeça de um gato! Um gato com olhos e boca de mulher, de lábios provocadamente entreabertos, revelando ciúme e um desejo felino.

Mais uma vez, o duque se surpreendeu. Era um desenho tão bom, tão amadurecido para a idade de Helen, que poderia passar por um trabalho de Gillray ou de Rowlandson.

— A senhorita tem mais alguma coisa aí nessa sua “Caixa de Pandora”?

— perguntou ele, devolvendo-lhe o desenho.

— Saí com pressa, e acabei deixando meus últimos trabalhos. Foi tolice da minha parte...

— Aqui já há material suficiente para convencer qualquer um no mundo da arte, de que a senhorita possui talento excepcional.

— Não imagina como me deixa feliz com suas palavras! Em casa, todos pareciam tão pouco interessados no que eu fazia, que comecei a duvidar de mim mesma.

— Asseguro-lhe que não deve ter esse tipo de preocupação. Mas procure fazer as coisas do modo certo: convença seu pai a deixá-la ir para Londres acompanhada, a fim de estudar.

Como a jovem permanecesse em silêncio, o duque percebeu, pela sua expressão, que ela não iria seguir o conselho, e acrescentou:

— Se posso recomendá-la a uma pessoa que, com certeza, a ajudará a desenvolver seu talento.

— Acredita que conseguirei vender meus quadros?

O duque hesitou durante alguns momentos, indeciso sobre a resposta que daria àquela jovem.

Era certo que qualquer revista gostaria de contar com aquele tipo de trabalho, sobretudo se retratasse uma figura famosa. Helen causaria sensação e obteria facilmente o que mais desejava.

Ele também poderia auxiliá-la, aproveitando seu talento na pintura a óleo para lançá-la entre os novos valores da Academia Real, onde há muito não surgiam inovações verdadeiras.

— Estou cansado de retratos de mulher que mais se parecem com bolos gelados, ou de homens tão cheios de medalhas, que se tem a impressão de

que se partirão ao menor movimento — reclamara o duque alguns dias antes.

— Temos que valorizar os novos talentos, milorde! — retrucara um dos membros.

— Concordo, sir Joshua. Mas não há nada mais desanimador do que ver os mesmos retratos, das mesmas pessoas, pendurados nas paredes. É natural que pensemos na tradição, mas devemos também procurar novas idéias, novos nomes, que ainda não tenham contado com uma oportunidade.

O problema, no entanto, consistia no fato de Helen ser mulher e, além de tudo, jovem. Não caberia a ele dar-lhe tais sugestões, uma vez que tinha consciência das dificuldades que enfrentaria, sobretudo por não contar com o apoio dos familiares. Para uma moça só, sobreviver em Londres seria uma missão quase impossível.

— Em que está pensando? — perguntou ela.

— Na senhorita. E, embora reconheça seu excepcional talento, sou obrigado a aconselhá-la a voltar para casa e encontrar uma maneira mais adequada de ir a Londres.

Sem responder, Helen limitou-se a recolher os quadros um a um e a guardá-los na pasta novamente. Em seguida, pôs-se de pé, com os longos cabelos louros caídos sobre os ombros formando um contraste delicado com o tom azul de seu roupão.

Não era difícil compreender por que aquele homem tentara segui-la e conquistá-la. No entanto, Helen não era o tipo de mulher que o duque normalmente apreciava. A maioria dos seus amores, além de mais velhas, não tinham a sua fragilidade física; Helen parecia etérea, diáfana.

— Eu agradeço seu apoio, incentivando meus trabalhos, e a proteção que me deu, senhor. Foi muito gentil comigo — disse ela.

— Vai voltar para seu quarto?

— Estou certa de que quer dormir, e estarei bem agora.

— Acho que, como o trinco de sua porta está quebrado, terá dificuldade em descansar. Durma aqui nestes aposentos, enquanto eu ocupo os do lado.

Imediatamente, ele se surpreendeu com o próprio oferecimento. Não era comum ele deixar seu conforto para ajudar a alguém que mal conhecia. Imaginou que talvez sentisse pena dela, e que, em função de sua inocência, Helen poderia se envolver em mais confusões.

— Oh, não! Isso não seria justo — retrucou a jovem. — Mas... eu me sentiria feliz se pudesse dormir no quarto ao lado, se tivesse chave ou uma

trava na porta.

— Deve ter, com certeza. Mas poderá ficar aqui, se preferir.

— O senhor já foi gentil demais comigo. Na verdade, tive medo de que me mandasse de volta, assim que entrei.

— Eu jamais faria uma coisa dessas! No entanto, ainda lhe peço que volte para casa!

— Isto não é possível! Só posso lhe assegurar que existe uma razão muito forte para eu não seguir seu conselho.

O duque ainda estava sentado na poltrona e, como se alguém lhe tivesse soprado uma idéia ao ouvido, perguntou:

— Quando conhece uma pessoa, a senhorita tem a mesma facilidade de interpretá-la como nos seus quadros?

— Normalmente, sim. Às vezes, porém, tenho que me esforçar, pois nem sempre as pessoas aparentam o que são. Na maioria dos casos, a idéia vem naturalmente, sem que eu espere. De repente, tenho o animal em mente...

— Imagino que não costuma contar-lhe o que vê.

— Claro que não! Seria muito indelicado! Mas, depois, não consigo mais olhá-las sem relacioná-las com o animal que imaginei! — observou, rindo de maneira espontânea.

— Bem eu tenho uma idéia, e gostaria de saber sua opinião a esse respeito.

— O que é? Sua naturalidade ao fazer a pergunta deu ao duque a certeza de sua ingenuidade e inexperiência. Uma mulher mais experiente teria sem dúvida outra expectativa ante suas palavras.

— Um motivo muito sério me trouxe a esta região. Alguns homens têm um importante negócio importante a me propor.

Imediatamente, Helen sentou-se no chão, junto à lareira, atenta às suas palavras.

— Imaginei que, em vez de seguir diretamente para Londres, como pretendia, a senhorita podia ir comigo ao local e me ajudar. Com seu estranho dom, conseguiria me dizer como são realmente as pessoas com as quais estou lidando.

— Entendo. Se confiar em mim, farei o máximo para ajudá-lo. Garanto-lhe que serei honesta, e, mesmo que minhas impressões contrariem as aparências, não as esconderei do senhor.

— É exatamente isso o que desejo da senhorita.

Com um sorriso, o duque pensou que, se os seus amigos soubessem dessa proposta, jamais acreditariam que seu interesse fosse apenas profissional.

Em seguida, ele se lembrou de que precisaria explicar ao capitão Daltry a presença da jovem, e sugeriu:

– Se concordar, a senhorita não viajará comigo usando seu nome verdadeiro.

– Por que não?

Enquanto ele tentava descobrir um modo de lhe explicar as dificuldades decorrentes de ter uma mulher junto de si, Helen perguntou:

– Se não posso usar minha identidade, o que propõe?

– O problema é que a senhorita é muito jovem, talvez, se prendesse os cabelos atrás, parecesse mais velha.

– Mas claro! Na verdade, completei dezoito anos há pouco, e nunca estive num baile, por estar de luto até um mês atrás.

– Ah, sim! Bem, poderá viajar como minha irmã, para facilitar as coisas. Na verdade, tenho uma irmã um pouco mais velha do que a senhorita. Ela vive em Paris, a fim de aperfeiçoar seu francês e estudar arte. .

– Ela tem muita sorte! Sempre quis fazer isso, porém papai considerava tudo muito caro!

O duque olhou para ela, imaginando que seu pai, provavelmente, era um daqueles fazendeiros interioranos, que não davam a mínima importância ao aprimoramento cultural, em especial das filhas mulheres.

– Nenhum dos homens com quem entrarei em contato conhece minha irmã, nem sabe que ela existe.

– Vai ser muito divertido! Além do mais, poderei deixar os cabelos do jeito que estão.

– Está bem. Duvido que alguém questione sua identidade. –. Talvez o senhor devesse me dizer seu nome...

– Ervan Trecarron. Sou barão.

– Ervan Trecarron veio da Cornualha!

– Como sabe?

– Li muito sobre a Cornualha; e Ervan e Trecarron são nomes *cornish*.

– Você é bem observadora. Minha irmã chama-se Georgina.

– Não me esquecerei. Gostaria também que me ajudasse a não cometer erros.

— Não há razão para temer. Deve apenas saber que esses homens desconhecem totalmente minha vida particular. Para ser franco, só estão mesmo interessados em meu dinheiro.

— Sendo assim, devemos tomar cuidado para que não o tirem do senhor sob um pretexto qualquer.

— É para isto que a estou levando comigo. Espero que seus desenhos me revelem mais do que muitas palavras.

— Tudo isso soa como uma grande aventura! Obrigada, muito obrigada por tudo!

A reação espontânea de Helen deixou o duque um pouco constrangido, temendo que outra pessoa á ouvisse e interpretasse mal suas palavras e atitudes. Tentou convencer-se de que isso não tinha importância nenhuma, que seria bem pior se ela fosse só a Londres, sem a mínima noção de como proteger-se do mundo. Por outro lado, tinha total consciência do que pensariam as mães da sociedade, caso descobrissem que ele estava com uma moça de dezoito anos, em seu quarto, a altas horas da noite. Dificilmente acreditariam que discutiam sobre arte e mais nada.

— Que há de errado? O que o preocupa?

— Nada importante.

Por alguns momentos, ele ainda pensou em tentar persuadi-la a voltar para casa, porém, seu egoísmo falou mais alto. Estava decidido a conhecer Daltry por um ângulo inusitado, e, embora não quisesse esperar demais de Helen, sabia que a opinião dela lhe seria de extrema valia, nem que fosse apenas para confirmar suas próprias impressões.

De fato, estava animado por ter descoberto, naquela estalagem, algo novo, que sem dúvida causaria sensação no mundo da arte, por sua originalidade.

Olhou para a pasta de desenhos, indagando-se se sua impressão devia-se apenas ao cansaço e ao adiantado da noite, ou se os desenhos de Helen eram realmente extraordinários. De qualquer forma, estava decidido a ajudá-la na realização dos seus desejos, fosse numa galeria ou numa das sociedades que presidia.

Ela o observava atentamente, e, depois de alguns instantes, perguntou, hesitante:

— Está arrependido de ter me convidado?

— Não! Claro que não! Ainda quero que me ajude! Mas temos um longo

caminho pela manhã, e devemos partir bem cedo.

— Dormirei no quarto ao lado. Se o coche chegar, acordarei às seis; caso contrário, poderia fazer o favor de me chamar, batendo na porta?

— Sem dúvida! Levarei seus pertences para o quarto ao lado e tratarei também da segurança das portas, verificando se estão em condições de permanecerem trancadas.

— Obrigada! O senhor é tão gentil, que não sei nem como lhe agradecer.

— A melhor maneira é permitir que ambos tenhamos uma boa noite de sono, pois já é muito tarde.

— A culpa foi minha por ter ficado até esta hora — disse ela, retirando-se com sua pasta de desenhos para o quarto ao lado.

Depois de levar a bagagem de Helen e de certificar-se de que havia trinco na porta, o duque recomendou:

— Agora, vá-dormir e não se preocupe com nada. Eu a acordarei a tempo de não me atrasar, e poderemos tomar café em minha sala de estar particular.

— Estou vendo que pensa em tudo. Farei o que me disse, e espero que também consiga dormir bem.

O duque a observou mais uma vez, concluindo que, vestida daquela maneira, com uma vela acesa na mão, ela mais se parecia com um anjo descido do céu. Somente seus desenhos seriam capazes de revelar a mulher que já amadurecera precocemente, e que parecia possuir anos de experiência no campo. “Ela é, certamente, muito incomum”, pensou, congratulando-se pela descoberta, que considerava mais importante do que seu sucesso na entrevista com Daltry. No entanto, fosse pela excitação dos acontecimentos, fosse pelo fato de, inesperadamente, se ver privado dos confortos que lhe haviam sido reservados, ele ficou durante muito tempo ainda: acordado.

Afinal, surgira mais um elemento em cena: a jovem que se dizia chamar Helen Calvert, e que poderia influir de modo decisivo em seus próprios negócios com a mina. O duque, sempre cuidadoso com tudo o que fazia, começava preocupar-se, um tanto tardiamente, com a proposta que fizera a ela.

E se houvesse alguma razão mais séria para aquela sua viagem a Londres? Quem era Helen, e porque ele se vira, tão levianamente, tentado a ajudá-la, sem medir as conseqüências? Não encontrando explicações convincentes, ele refletiu sobre seu gesto, que, embora bem-intencionado,

poderia se transformar numa faca de dois gumes, trazendo-lhe maiores problemas e fazendo com que se arrependesse amargamente de ter tentado ajudá-la.

“Devo estar muito cansado com os aborrecimentos do dia e com o negócio da mina, senão nunca me envolveria numa aventura como essa...”, disse a si mesmo, enquanto rememorava a conversa com Helen.

De todas as coisas que ela dissera, o que mais o intrigava era o verdadeiro motivo de sua ida a Londres. Não parecia ser uma cortesã à procura de um centro populoso para se manter. Ao contrário, seus hábitos e mesmo seu modo de falar denotavam que procedia de uma família respeitável. Por que então ela se lançara sozinha numa viagem como aquela, sem se preparar para as possíveis dificuldades?

Novamente, ele se viu em dúvida quanto à atitude que havia tomado. Talvez fosse mais adequado dizer a Helen que refletira melhor e que ela deveria mesmo voltar para casa. Mas, como não era hábito seu esmorecer diante de qualquer dificuldade surgida, o duque, por fim, decidiu-se a manter o plano idealizado. Teria bastante tempo, durante a jornada, para estudar os movimentos dela, testar sua franqueza e ainda saber até onde iam seus conhecimentos. Embora não parecesse cavalheiresco de sua parte analisar alguém que se mostrava tão ingênua e espontânea, tão diferente de todas as moças que conhecera, ele não via outra alternativa plausível. De qualquer modo, estava mantendo o compromisso assumido com ela, e o fato de querer testá-lo não afetaria, em nenhum momento, seu relacionamento com Helen.

Durante o tempo em que permanecessem juntos, haveria, sem dúvida, vários assuntos sobre os quais poderiam conversar. Ele já notara que, além da pintura, ela se mostrava interessada em cavalos, seu assunto preferido. Aliás, esse fora outro fato que o surpreendera, pois não era comum uma mulher se interessar por tal assunto. Com esses pensamentos, o duque começou a se sentir mais animado, principalmente diante da perspectiva de ter alguém com quem trocar idéias nas horas de indecisão como as que vivia naquele momento, com a compra da mina. Precisava precaver-se, porém, para evitar um envolvimento profundo, coisa muito comum quando um homem e uma mulher estão próximos ainda mais por tanto tempo, e a sós... .

— Preciso tomar cuidado para não me envolver com sua beleza e juventude, o que poderia me trazer problemas ainda maiores!

Helen, por sua vez, no quarto ao lado, também não conseguia conciliar o sono, assustada com tudo o que vivera em tão pouco tempo. Não fossem as circunstâncias que a tinham levado a deixar sua casa, ela já teria voltado. No entanto, não podia retroceder, e a saída era aceitar a ajuda que o barão, tão gentilmente, lhe oferecera.

— Meu Deus, fazei com que eu consiga chegar a Londres e que meus desenhos sejam suficientemente bons para me manter — rezou, baixinho.

Reconhecia que, apesar das dificuldades iniciais, tivera bastante sorte por encontrar aquele homem tão cavalheiro. O barão não só fora extremamente gentil, mas também demonstrara confiar nela, convidando-a para auxiliá-lo no contato da compra da mina.

“Será uma boa oportunidade para eu mostrar minhas habilidades com o desenho, ainda que ele conheça coisa melhor do que meus trabalhos. De qualquer modo, incentivou-me bastante, e foi a primeira vez que alguém se interessou pelo que faço.”

No final das contas, sua juventude acabou pesando mais do que o bom senso ou a prudência, e Helen resolveu confiar naquele homem que surgira em sua vida num momento tão difícil.

Não se passaram dez minutos e ela adormeceu profundamente, envolvida pelo aconchegante calor da lareira que ainda ardia.

Logo seria um outro dia, e ela certamente se sentiria bem melhor e mais protegida, viajando com o barão.

CAPÍTULO III

Quando o duque e sua comitiva deixaram a estalagem, a cerração havia diminuído consideravelmente, e já se podia avistar o topo das árvores.

A temperatura estava agradável, o que lhes garantiria uma viagem tranqüila, e, embora não houvesse sinal do sol, Helen tinha certeza de que ele apareceria mais tarde.

Logo cedo, ela acordara sobressaltada, com insistentes batidas na porta.

— São quase seis horas. Tomaremos café daqui a quinze minutos — dissera o duque do outro lado da porta.

Num salto, Helen levantou-se da cama, surpresa com o fato de ter dormido tão bem, depois das dificuldades que enfrentara na noite anterior. Estranhamente, ela pensava apenas nos bons momentos que iria desfrutar naquela aventura sem igual.

Vestira rapidamente suas roupas de viagem, refletindo que, como iria passar por irmã do barão, deveria cuidar ao máximo da aparência.

Em seguida, repartira os cabelos ao meio, prendendo-os dos lados com fitas azuis. Ao se olhar no espelho, ficou satisfeita com o resultado, pensando que, por ser magra, talvez parecesse realmente mais nova do que era.

Ato contínuo, descera a escada, carregando a bagagem, e entrara na sala de estar de seu salvador.

À sua entrada, o nobre se levantara e lhe oferecera uma cadeira à sua frente. Tornando a sentar-se, ele a observara durante algum tempo, impressionado com sua elegância e beleza. Logo depois dissera:

— Vamos, Helen. Temos um longo caminho pela frente, e quanto antes sairmos, melhor!

Helen concordara com um movimento de cabeça, sentindo-se como se fosse mesmo sua irmã. Na verdade, se dependesse dela, já estaria longe dali há tempos, para nunca mais se deparar com o homem que a importunara na véspera. No entanto, essa possibilidade era remota, pois àquela hora só se via o proprietário e um criado sonolento. Nem mesmo o coche havia aparecido.

Era uma manhã quente de fim de setembro, e embora algumas poucas folhas secas comesçassem a aparecer, a presença de uma brisa fresca dava a impressão de se estar na primavera.

Eles tomaram a direção de um atalho, descoberto por Hanson, pelo qual economizariam muitas milhas, podendo chegar a tempo para o encontro com Daltry. Esse fato deixou o duque aliviado, pois ele detestava chegar atrasado ou deixar alguém à sua espera.

Helen ia calada, radiante pela velocidade da carruagem e pela beleza dos campos que atravessavam.

Hanson já fora informado de que ela viajava como irmã do duque, e se convencera de que a moça não passava de mais uma das amantes do patrão, com o que já se acostumara.

Comandando os cavalos com extrema habilidade, o duque olhou à sua volta, concluindo que aquele era um dia ideal para praticar exercícios de tiro. E, se tivesse ficado um pouco mais com sua mãe, teria tido boas oportunidades para tal, uma vez que ela costumava passar boa parte do tempo em Marazion, onde vivera os dias mais felizes de sua vida de casada.

Sempre que possível, o duque a convidava para ficar em Londres, porque ela, mesmo após oito anos de viuvez, continuava só. Nas ocasiões em que a duquesa aceitava o convite, as altas rodas sociais londrinas corriam ao seu encontro. Além de ela se conservar bastante bonita e charmosa, as festas que oferecia nos bons tempos de casada tinham-se tornado famosas e eram sempre muito esperadas pelo belo mundo.

Sem dúvida, sua mãe ainda fazia sucesso, e o duque sonhava com uma mulher cujo desempenho pudesse se comparar ao dela. Agora, ele desejava passar uma temporada na Cornualha, que não visitava desde a primavera. Ali vivera os momentos mais felizes de sua infância, e talvez por isso, de todas as suas propriedades, Marazion era a que mais apreciava. .

Chegara até a pensar em mudar-se definitivamente para lá, e só desistira da idéia ao constatar que, devido à distância, ficaria invariavelmente isolado. Talvez, com a expansão das linhas de trens, a vinda de seus amigos se tornasse mais fácil.

Embora o assunto não lhe interessasse e o duque preferisse os cavalos a qualquer meio de transporte, sentia-se um pouco sugestionado pelos argumentos de Daltry. Por outro lado, a reportagem sobre a exploração do trabalho do menor nas minas de carvão horrorizara toda a Inglaterra, inclusive a ele.

As condições subumanas daquelas crianças e mulheres, nuas até a cintura, enfurnadas em túneis sob a terra, não lhe saíam da memória. Na

ocasião, ele fizera várias tentativas no sentido de evitar que isso acontecesse, e obtivera de lorde Ashley a proibição desse tipo de exploração.

Era ponto pacífico que, caso sua transação com Daltry viesse a se concretizar, ele jamais empregaria homens que não fossem suficientemente fortes para suportar tal tipo de trabalho, e trataria de tomar providências para que tudo fosse feito com a maior segurança, de modo a tornar o risco de acidentes o menor possível. Entretanto nessas divagações, o duque somente se lembrou de sua companheira de viagem muito tempo depois. Voltou-se então para Helen, com um sorriso.

— Está gostando?

— Oh, muito! Nunca viajei com cavalos tão belos, nem a tanta velocidade! Estou maravilhada!

Ele sorriu, orgulhoso, e comentou:

— Ainda temos quinze milhas pela frente; devemos chegar lá às treze horas, conforme o combinado.

Dito isso, eles prosseguiram em silêncio. Com a inesperada cerração, ele perdera a oportunidade de passar a noite na residência do marquês de Buxworth, e, conseqüentemente, de inspecionar os estábulos dele, bem como sua propriedade. Ervan cultivava o hábito de observar o modo como os demais proprietários administravam suas terras, e se nelas havia as inovações que ele introduzira nas suas, especialmente em Gloucestershire. Embora todas as suas propriedades fossem consideradas modelos de organização, ele acreditava que se poderia aprender com os, erros e acertos alheios e, assim, economizar sofrimentos e esforços. Pensou em perguntar a Helen se ela ouvira falar no marquês, e chegou a brincar com a idéia de revelar sua verdadeira identidade. Entretanto, temendo que ela perdesse a espontaneidade com que lhe falava, desistiu da idéia. Na verdade, estava gostando da idéia de apresentá-la como sua irmã, e, de certo modo, já a considerava assim, por tê-la protegido quando se conheceram. Reconhecia, porém, que qualquer pessoa que os visse não pensaria, evidentemente, desse jeito, sobretudo na hipótese de conhecer sua reputação com as mulheres.

Quanto ao capitão Daltry, o duque já o prevenira com antecedência de que gostaria de ser apresentado como sir Ervan Trecarron, quando fosse inspecionar a mina.

— Fico contente por ter pensado nisso, milorde; eu próprio ia sugerir que o fizesse. Afinal, não seria bom que qualquer funcionário ou aldeão

descobrisse que ela está à venda — observara o capitão.

— Julga que isso os aborreceria?

— Claro que sim! Os empregados temeriam perder o emprego, ou que os novos donos fizessem exigências superiores às que podem suportar. Além do mais, imagine se um repórter local soubesse que o senhor iria comprar a mina! A notícia imediatamente se espalharia por todo o país!

O duque concordara, e o capitão prosseguira na argumentação:

— É interessante que pareça um visitante comum, interessado apenas em conhecer a mina.

— Lógico!

— Devo avisá-lo, também, de que os homens que estarão comigo com o objetivo de mostrar-lhe a mina desconhecem sua verdadeira identidade.

— É uma boa medida.

— Providenciarei para que tudo pareça o mais natural possível. Almoçaremos na Mansão de Newall, localizada a mais ou menos duas milhas do lugarejo. Ele não estará lá, e inclusive incumbiu-me de pedir-lhe desculpas por não poder tratar pessoalmente do negócio.

Como os arranjos fossem do agrado do duque, ele se limitara a marcar o encontro para antes das treze horas, na quarta-feira.

Enquanto a carruagem seguia, ele ponderava novamente sobre os pontos negativos do surgimento dos trens. Concorrendo com os cavalos, eles sem dúvida seriam bem aceitos, principalmente por sua rapidez; no entanto, aos primeiros acidentes, era evidente que todos voltariam ao uso dos animais.

Ele reconhecia que, em seu íntimo, havia uma certa resistência às mudanças e a determinados conceitos de progresso. E embora fosse pressionado pelos amigos mais entusiastas, invariavelmente o duque acabava preferindo os cavalos como meio de transporte mais seguro e adequado. Assim pensando, disse em voz alta:

— Estou fortemente inclinado a desistir de tudo e voltar para casa!

— Por que disse isso? — perguntou Helen, surpresa.

— Tenho a impressão de que estou perdendo meu tempo, e, de todo modo, não quero uma mina de carvão!

— Então, não deve comprá-la.

— Pessoalmente, detesto a idéia, apesar de saber que o carvão se tornou uma necessidade, sem a qual as pessoas não vivem mais.

— É verdade! Além disso, é difícil a administração desse tipo de

atividade. Li sobre os horrores que se cometeram no passado... Por outro lado, atualmente, há leis específicas para os trabalhadores das minas de carvão, e os administradores têm conseguido propiciar-lhes condições bem melhores.

— Como sabe desse tipo de coisa?

— Talvez você pense que só me interesse pelas páginas de moda e pela coluna social dos jornais...

Ele a fitou, espantado. Realmente, não teria como negar que, até então, não conhecera uma mulher que se interessasse por política ou por assuntos dessa ordem.

— E por que se interessa por política?

— Política se refere a pessoas, e as pessoas me interessam, ainda que as veja como animais.

— Os homens de estado certamente não se sentiriam muito gratificados, se soubessem do seu julgamento.

— Tive pouco contato com eles, mas, quando leio as reportagens, imagino-os como um bando de carneiros, seguindo as ordens superiores sem refletir, ou como pavões, maravilhados com a própria importância.

Ele riu, antes de comentar:

— É uma observação injuriosa! Ela o olhou receosa, temendo que, depois de ter expressado sua opinião tão francamente, ele ficasse chocado. Mas, vendo-o rir, chegou à conclusão de que podia continuar a exprimir seu pensamento:

— Quando estiver em Londres, mandar-lhe-ei meus desenhos sobre os políticos, e poderá verificar se estou certa ou não.

— Bem... na verdade, espero que, quando nos separarmos, você tenha desistido dessa idéia tola de ir a Londres sozinha.

O silêncio foi a resposta de Helen, e o duque concluiu que não conseguiria convencê-la a voltar para casa. Em vez de insistir, ele tentou mudar de assunto:

— Creio que deveríamos combinar quando você poderá me dizer alguma coisa em relação aos homens da mina.

— Já pensei nisso. Tendo em vista que iremos almoçar com eles, terei muito tempo para observá-los enquanto comemos.

— E se você formar uma opinião equivocada?

— É um risco que está correndo. Eu não tenho nada a perder! —

exclamou, divertida. — Lembre-se de que eu já estava na raia de fora, quando me “contratou”.

— Vejo que acompanha as reportagens de corridas — disse o duque, rindo com a comparação.

— Claro que sim! Os cavalos significam tanto para mim quanto para você, e sempre gosto de saber que cavalo ganhou e por quê.

— Posso concluir, então, que tem suas próprias teorias acerca dos motivos que levam certos cavalos a ganharem determinado tipo de corridas...

— Naturalmente! Embora eu só tenha assistido às corridas da região em que resido, pude tirar algumas conclusões a esse respeito. Por exemplo, não é só a criação ou a forma física de um cavalo que faz dele um campeão, mas algo além disso, algo diferente, que o torna especial e capaz de vencer os demais que se parecem em tudo com ele. Havia tal envolvimento nas palavras de Helen, que o duque sentiu-se gratificado e surpreso, pois ele também pensava assim, e, por esse motivo, dedicava especial atenção aos seus animais.

Tendo encontrado um assunto em comum, talvez mais interessante do que a arte, ao menos para ele, a conversa continuou pelas milhas que se seguiram, até que Hanson os interrompesse:

— Estamos quase entrando no vilarejo, sir. Seria melhor que perguntássemos a alguém onde fica a casa.

Momentos depois, obtida a informação, eles seguiram por uma estrada secundária. Dois vigias montavam, guarda ao lado dos portões de entrada, que pediam uma reforma urgente.

— Descobrirei um modo de mostrar-lhe o que penso sobre os homens da mina — disse Helen. — Mas, por favor, não concorde muito rapidamente.

— Certo! De qualquer forma, esta é apenas uma visita preliminar. Antes de me decidir a comprá-la, mandarei inspecionar a mina e fazer um relatório detalhado.

— Oh, que bom! Isso me deixa mais tranqüila!

Logo em seguida, a casa surgiu à frente deles, e o duque notou que, embora alta e grandiosa, tratava-se de uma construção feia, de pedras cinza, em estilo georgiano. Do mesmo modo que o portão de entrada, tudo ali precisava de uma boa reforma. Ervas daninhas dominavam os jardins; as janelas e as portas apresentavam cantos apodrecidos, e as paredes pareciam

não ser pintadas há muito tempo.

Ele mal havia descido da carruagem e o capitão Daltry já corria em sua direção, com a mão estendida, num gesto de boas-vindas:

— Está bem na hora, sir Ervan. Aliás, um pouco adiantado, Para ser exato.

Ele chegou mais próximo da carruagem e, ao notar a presença de Helen, olhou interrogativamente para o duque.

Hanson se adiantou para segurar as rédeas, enquanto o duque ajudava Helen a descer. Ele pôde perceber, pelo olhar de Helen, que ela estava gostando de toda aquela representação. Por outro lado, também o animava a idéia de contar com uma espiã a seu serviço, sem que o capitão desconfiasse disso.

— Trouxe minha irmã comigo, Daltry. Deixe-me apresentá-la: capitão Daltry, srta. Helen Trecarron!

— Encantado por conhecê-la! — disse o homem, sorrindo, embora Helen pudesse notar que ele ficara aborrecido com o fato de o duque não ter vindo só. — Cuidei de que tivesse uma refeição à sua altura, sir — continuou o capitão, enquanto subiam a escada em direção ao interior da casa. — Não foi uma tarefa fácil, com meu sócio divertindo-se em Londres e os empregados de férias.

— Minha irmã e eu estamos acostumados com desconfortos. Portanto, não precisa se preocupar.

— Talvez o senhor queira lavar-se primeiro. Enquanto isso, levarei a srta. Trecarron para o andar de cima. — Ele se virou para Helen, acrescentando: — Desculpe-me, senhorita, pois as salas não estão abertas nem devidamente limpas, uma vez que não a esperávamos.

Dito isso, ele apontou o lavabo para o duque, e, à frente de Helen, tomou a direção do primeiro andar. Enquanto subia, ela observou que havia uma série de quadros nas paredes. Os autores, certamente iniciantes, haviam retratado as pessoas de uma forma nada feliz, criando efeitos sombrios e desastrosos.

Chegaram a um quarto, e Daltry apressou-se a abrir as janelas, cujas cortinas apresentavam rasgos em vários pontos, explicando:

— Não há água quente, senhorita. Se quiser, providenciarei; embora deva demorar um pouco. Procure não se movimentar pelo aposento até que esteja claro.

— Não, por favor, não há necessidade! — disse Helen, percebendo que, na verdade, ele não estava muito animado para tomar aquelas providências.
— Eu me arranjurei com água fria; não quero molestá-lo. Ele abriu as janelas e a luz penetrou no ambiente.

— É um prazer, senhorita, e estou certo de que seu irmão se sente bem melhor na sua companhia do que só.

Embora ela não desejasse fazer um julgamento apressado, parecia-lhe evidente que o capitão forçava uma atitude de simpatia.

— Fique à vontade. Eu a aguardarei no hall.

— Obrigada!

Assim que ele fechou a porta, Helen pôde ouvir seus passos apressados pelo corredor. As atitudes daquele homem, realmente, eram muito estranhas!

Tentou lavar-se, mas encontrou tudo coberto de pó e acabou desistindo, constatando que, na certa, não havia nenhuma mulher na casa para supervisionar os serviços. Limitou-se a tirar o chapéu e soltar os cabelos. Ao se olhar no espelho, sentiu-se uma verdadeira colegial. Isso, porém, não a preocupou, uma vez que o capitão não parecia interessado em impressionar a ela, mas sim ao barão.

Durante o jantar, ela pôde confirmar suas impressões iniciais.

Não havia criados para servir a mesa, senão um grosseiro empregado que mais parecia um cavaleiro de Daltry, de tão atrapalhado que se mostrava com os pratos. O próprio Daltry servia o vinho, e os outros convidados iam passando as louças, arrumando-as num canto da mesa.

Ela já conseguira formar uma opinião a respeito dos outros homens. Um deles, que lhe fora apresentado como capataz do capitão, era baixo, de meia-idade e olhos sonolentos, possuindo características marcantes. O outro era grande, mal-educado e pesadão. Ambos faziam justiça à comida, empilhando tudo no Prato e comendo com indisfarçável prazer.

O duque, por sua vez, reconheceu que aquela refeição não era muito comum por ali, representando mais um esforço de Daltry para agradar-lhe. Havia um salmão inteiro, lombo de porco, perna de carneiro e músculo, obviamente encomendados numa estalagem ou loja especializada.

O capitão, no entanto, preferia insistir nas aparências: — Espero que o almoço seja do seu agrado, sir Ervan. A cozinheira deu o melhor de si, mas, tratando-se de uma mulher do campo, não tinha condições de preparar pratos elaborados.

O duque limitou-se a sorrir, pois, evidentemente, não esperava uma recepção sofisticada em tal localidade. Aliás, só fazia esse tipo de exigência a seu cozinheiro de Londres, francês de origem e um dos melhores do país.

Ao final, serviram queijo e também um pedaço de pão fresco, que parecia ter sido feito naquele dia.

O vinho também era excelente, e o duque percebeu que o capitão lhe enchia o copo constantemente. Achou que seria prudente não abusar, porque, além de não ter hábito de beber, poderia ficar sonolento ou com dor de cabeça, o que lhe dificultaria julgar o andamento das negociações.

Não se podia afirmar que o almoço tinha sido agradável, já que a pouca conversação desenvolvida coubera ao duque e ao capitão. Este havia ignorado completamente a presença de Helen, e, apesar de não medir esforços para entreter seu convidado não contava com a colaboração dos companheiros, que pareciam estar ali somente para fazer número.

Foi com alívio que o duque, terminada a refeição, disse:

– Como o tempo passa depressa, e eu e minha irmã não podemos nos atrasar, pois temos uma visita a fazer ainda hoje penso que poderíamos ir inspecionar a mina.

– Sim, claro! Acho que seria mais conveniente deixar seus cavalos descansando aqui. Seguiremos em minha carruagem, que está aguardando lá fora.

A princípio, o duque pensou em recusar, mas logo considerou que, realmente, seus cavalos precisavam de descanso, depois terem dado o máximo de si pela manhã, durante a viagem. Assim, deu ordens a Hanson para deixar tudo preparado, de modo que pudessem partir assim que voltassem.

Helen subiu para pegar o chapéu e o manto, e, ao sair da casa, notou que havia dois carros, cada um deles puxado por um só cavalo. Teve a nítida, impressão, assim como o duque, de que haviam sido alugados para a ocasião.

Ela sentou-se na primeira carruagem, ao lado do duque, e o capitão Daltry acomodou-se no banco em frente. Sem que ele percebesse, Helen deu a mão ao duque, passando-lhe um pedacinho de papel, onde estava escrito:

“Raposa, gambá e orangotango”.

Ele leu cuidadosamente, e depois guardou o papel num dos bolsos do casaco, compreendendo que deveria tomar cuidado com os três homens.

A raposa usava de subterfúgios, era pérfida, mentirosa e podia tornar-se

perigosa. “Daltry, sem dúvida!”, pensou.

O gambá se aplicaria bem ao capataz, e o duque sentira, ao vê-lo pela primeira vez, que não se poderia confiar nele em momento algum. O orangotango descrevia bem o outro homem, pesado e sonolento, que só abria a boca, durante o almoço, para enchê-la de comida. O duque pensou que era difícil compreender a razão da presença daqueles homens ao almoço; afinal, tratava-se de uma reunião de negócios, a eles não haviam feito nenhum comentário, limitando-se a comer.

Daltry se pôs a falar sobre a mina assim que o carro começou a correr, exagerando suas potencialidades e as vantagens do negócio para o futuro.

— Bem, mas o que realmente importa é o fato de ninguém perceber o motivo de sua visita. Basta dizer aos homens que veio ver como se extrai o carvão.

Ele prosseguiu, sorrindo:

— Mas, como deve ter visto pelos papéis que lhe enviei, eles apenas tocaram a ponta do *iceberg*; há toneladas e toneladas que ainda não foram extraídas!

— Li seu relatório até o fim.

— Sim, claro, não há necessidade de lembrá-lo disso. Mas devo insistir em dizer-lhe que esta é a oportunidade de sua vida; nunca mais terá outra igual! Com a demanda crescente, por causa do incremento das ferrovias, o carvão se tornou tão valioso a quanto o diamante, embora não tão bonito.

Dizendo isto, o capitão sorriu, deixando à mostra os dentes salientes limosos de uma raposa. O duque lembrou-se da observação de Helen, e admitiu que já estava fortemente inclinado a concordar com ela.

Helen, que a tudo assistia sem participar, analisava mais cuidadosamente aquele homem que tão mal à impressionara desde o início. Havia, sem dúvida, muitas coisas estranhas por ali, a começar pela insistência de Daltry em que o barão não se identificasse; junto aos trabalhadores da mina. Os homens mal-educados que lhe acompanhavam os passos, o ambiente improvisado que cercava toda a transação, e mesmo a refeição na casa. Tudo criava uma atmosfera de mistério e de suspense, se não de perigo.

Apesar do pouco tempo de convivência com o barão, ela podia perceber que as atitudes de Daltry lhe desagradavam e que ele ansiava por terminar com tudo aquilo e seguir viagem. Se já não tinha um interesse muito grande no negócio, o contato com aquelas pessoas fizera-o perder o pouco

entusiasmo que sentira anteriormente.

Apesar de ter conseguido passar-lhe o bilhete em que transmitia suas impressões, Helen ainda se mostrava preocupada, e seu instinto de mulher, adicionado à sua sensibilidade artística, lhe dizia que algo anormal ainda estava por acontecer. Dirigiu o olhar ao barão, tentando adivinhar o que se passava em sua mente. Embora não houvesse condição de trocarem idéias, sem que Daltry os ouvisse, podia perceber que ele também pressentia o perigo e que aquela situação o incomodava bastante.

Enquanto se entregava às suas análises, ela se lembrou de um episódio ocorrido, certa vez, com seu pai, que se envolvera num negócio semelhante.

Um vendedor o procurara, com exemplares extraordinários de garanhões, e fora tão persuasivo, que seu pai, entusiasmado, demonstrara interesse na compra dos três cavalos apresentados, mesmo sem conhecer a pessoa que servia de intermediário. Na ocasião, Helen e sua mãe, desconfiadas do modo envolvente como o vendedor se dirigia ao pai, ainda tentaram alertá-lo, mas ele se negara a admitir a intromissão das mulheres em seus negócios, ainda que fossem sua esposa e sua filha. Deste modo, adquirira os belos garanhões, com os quais pensava fazer excelente negócio, e qual não fora sua decepção ao descobrir, pouco tempo depois, que os animais haviam sido roubados de um vizinho não muito distante!

Apesar de sua inexperiência de vida e de negócios, Helen aprendera que um bom produto dispensava um excesso de valorização, pois já falava por si. Se um negócio vinha precedido de um excesso de qualitativos, isso significava, sem dúvida, que algo estranho à venda acontecia, e que, portanto, o negócio precisava ser verificado com muita atenção. Em função disso, ela se mostrava apreensiva diante do que estava presenciando.

O capitão, além de sua figura desagradável e falsa, não poupava elogios à mina, e parecia fazer de tudo para impedir o barão de raciocinar, procurando envolvê-lo com argumentações exageradas. Decididamente, algo ia mal naquela transação, e Helen estava convencida de que talvez eles viessem a ter algum tipo de problema com Daltry.

Sua intuição lhe dizia que ficasse alerta. Afinal, queria retribuir ao barão sua gentileza, e não deixaria de fazer bem o seu papel. Assim pensando, ela se acomodou de forma estratégica na carruagem, de modo a poder controlar os gestos e os olhares do capitão, e tomou uma atitude de quem espera, de tocaia, para que não a pegassem de surpresa...

CAPÍTULO IV

O pequeno povoado que circundava a mina era muito pitoresco e, para surpresa de Helen, extremamente limpo.

Ela sempre lera que os lugares junto às minas costumavam ser escuros em virtude do pó do carvão, que igualmente deixava sua marca na pele, das pessoas.

Ao se aproximarem do abrigo onde ficariam os cavalos, o capitão voltou a recomendar ao duque:

— Não esqueça, sir Ervan, que é apenas um visitante comum, interessado nas redondezas.

Eles saltaram da carruagem e caminharam um pouco até uma pilha de material escurecido, junto à qual se erguia uma máquina, acima do nível do chão, com rodas e vigas de ferro. Havia, também, vários vagões pequenos, onde se guardava o carvão trazido à superfície, e os túneis eram recobertos por uma madeira que suportava o teto aberto.

Quando chegaram perto da máquina, Helen notou que o óleo fora passado recentemente e que havia sinais de ferrugem em varias partes. Pensou em comentar o fato com o duque, mas não teve oportunidade, pois Daltry e os dois homens já os guiavam em outra direção. Ela seguiu o grupo até a entrada de uma caverna, da qual saía um corredor fundo e estreito que alcançava as galerias. Segundo foram informados, o acesso dos trabalhadores às galerias de extração do carvão era feito por uma cadeia de cordas, através das quais desciam até as profundidades. Como tudo em volta parecesse primitivo demais, Daltry apressou-se em explicar:

— É evidente que no interior da mina, as instalações são as mais modernas e seguras!

Não passou despercebido ao duque que ele falara em voz baixa, procurando não ser ouvido. Depois de algum tempo, em que permaneceram examinando o equipamento, Ervan arriscou.

— Talvez seja uma boa idéia descermos para dar uma olhada, capitão ou não há homens trabalhando lá embaixo?

— Claro que sim! Mas pense bem, senhor, isso seria um grande erro. Se os trabalhadores o vissem, imediatamente pensariam que estamos vendendo

a mina.

O argumento soava convincente, e o duque desistiu, embora estranhasse muito o fato de não ouvir um só ruído, durante todo o tempo em que estivera ali, à boca da caverna.

— Quero chamar-lhe atenção para o lugarejo — continuou Daltry, — Como pode ver, as casas estão em ótimo estado, apesar de algumas necessitarem de pintura, e as pessoas parecem felizes. Sei que isto deve agradar-lhe, sir Ervan.

— Sim, naturalmente.

Alguns moradores, curiosos com os visitantes, começavam a sair de suas casas, e Helen pensou que talvez fosse interessante conversar com alguns deles. Daltry, no entanto, foi mais rápido, e apressou-se em levá-los de volta para o lugar inicial.

— Ainda não pude ver tudo que gostaria — comentou o duque, descontente.

— Ora, sir Ervan! Não posso permitir que suje as roupas! Além do mais, já leu os relatórios feitos por especialistas. Garanto-lhe que, nessa mina, há carvão para ser explorado por pelo menos vinte anos!

Com um sorriso que para Helen era a própria caracterização da raposa, continuou:

— De fato, é uma barganha, e estou certo de que não irá recusá-la!

O duque, entretanto, não se mostrava interessado em polemizar, e, durante o trajeto de volta à casa de Newall; e permaneceu em completo silêncio.

Lá chegando, depois de descerem da carruagem, virou-se para o capitão:

— Gostaria que pedisse aos seus auxiliares para trazerem minha carruagem, uma vez que precisamos partir imediatamente.

— Sem dúvida! Antes, porém, gostaria de que viesse à sala de estar, onde desejo falar-lhe rapidamente.

Apesar de impaciente com tudo aquilo, o duque o seguiu, e Helen fez o mesmo. Ela estranhou, no entanto, que os outros dois homens os seguissem também, pois pensara que a conversa deveria ser entre o duque e Daltry.

Dirigindo-se a uma mesa, onde havia uma série de papéis, pena e tinteiro, o capitão disse:

— Bem, sir Ervan, creio que poderá assinar os papéis que lhe garantem a compra da mina, dos dois vilarejos e de cinquenta acres de terra, por dez mil

libras.

O duque recuou:

— Deve saber, Daltry, que não tenho intenção de comprar a mina agora. Só o farei depois que meu secretário a tenha investigado profundamente.

— Já lhe disse que esse procedimento não é necessário. Os relatórios que lhe forneci são reconhecidos no mundo todo!

— Sem dúvida, Daltry, e acredito em sua palavra. No entanto, não costumo adquirir nada sem consultar previamente minha assessoria de finanças.

— Não há tempo para formalidades. A quantia que estou pedindo pela mina é insignificante, e qualquer outro, em seu lugar, a pagaria sem hesitar.

— Não quero desapontá-lo após todo o trabalho que teve, Daltry. Mas a verdade é que não desejo tomar uma decisão sem antes me certificar de que é a ideal.

— Essas são as minhas condições, sir. Se não concordar, procurarei outro comprador — ameaçou o capitão, visivelmente contrariado.

— Só me resta, então, desejar-lhe boa sorte. Agora, minha irmã e eu precisamos nos retirar.

O duque e Helen se dirigiram para a porta de saída, mas, a um sinal de Daltry, os dois homens se puseram à sua frente, impedindo-lhes a passagem.

Como o duque nada dissesse, o capitão gritou:

— Já que está sendo excessivamente tolo, devo tornar as coisas mais claras!

Dito isso, sacou um revólver da gaveta, e Helen soltou um grito de terror. O duque virou-se, lenta e cuidadosamente, colocando-se frente a ele:

— Está me ameaçando, Daltry?

— Na verdade, estou lhe dando duas opções: ou assina estes papéis voluntariamente, ou tomarei providências para que o faça de qualquer maneira!

— Devo explicar-lhe novamente que não tenho a intenção de assinar nada! Além do mais, considero seu comportamento reprovável e quero acreditar que não agirá assim de uma próxima vez!

Mas o capitão riu alto, numa atitude nada amigável: — Posso imaginar o que se passa em sua mente! Na certa, cuidará para que eu seja barrado no clube e até mesmo no círculo social que lhe é fiel! Muito bem, está no seu direito, mas, lembre-se: aqui e agora, sou eu quem dá as cartas! Ele fez uma

pausa e continuou, irônico:

— Pretendo contentar-me apenas com dez mil libras, que deverá pagar pela mina. Isto, sem dúvida, não representará grande sacrifício para suas posses...

— Essa conversa é completamente desnecessária. Pretendo partir imediatamente!

O duque fez menção de virar as costas, mas o capitão encostou a arma em seu corpo:

— Não será tão fácil assim, com uma perna baleada! E tenho certeza de que sua irmã é muito jovem para se sair bem como enfermeira!

Pressentindo o perigo, ela se aproximou mais do duque, como que a aconselhá-lo a tomar cuidado.

Ervan permaneceu imóvel, refletindo no que fazer diante daquela situação. Lamentava a presença de Helen, que diminuía suas possibilidades de fuga ou de qualquer reação. Seria difícil escapar, sem ser ferido por Daltry ou pelo “Orangotango”, embora não temesse o “Gambá”.

Como que percebendo seus pensamentos, o capitão continuou ameaçando:

— Quando digo que posso feri-lo, não tento apenas assustá-lo. Além disso, devo preveni-lo quanto à força física de meu amigo Albert, para quem será fácil conter-lhe o ímpeto.

O duque permaneceu em silêncio, e Daltry, cada vez mais irritado, prosseguiu:

— Como recusa minha proposta de dez mil libras, pagará o dobro por sua liberdade! E, enquanto se recupera da primeira derrota de sua vida, passarei uma temporada bastante confortável na França...

— Terminou de expor suas condições? Seja razoável, eu gostaria que me concedesse algum tempo para discutir com minha irmã, antes de me pronunciar.

— Oh, mas claro! Eu já esperava essa atitude de sua parte — declarou o capitão, cinicamente. — Se estivesse só, eu o colocaria na despensa, onde os ratos e a umidade fariam com maior eloquência! Mas, sendo cavalheiro, não vou expor uma moça tão bela a essas coisas odiosas! Desse modo, poderão ficar à vontade, aprisionados na água-furtada!

Fez uma pausa, a fim de criar suspense, e continuou:

— Talvez uma noite de frio e de fome, apesar do excelente almoço, o

ajude a reconsiderar sua posição. Deve concordar que vinte mil libras não significam nada, comparadas à sua liberdade e saúde.

Helen estava tão assustada que, sem perceber, apertava a mão do duque na sua. Sabia que sua presença ali impedia qualquer tentativa de fuga que ele tentasse empreender: por outro lado, temia que o ferissem, hipótese em que ela se tornaria uma presa fácil para ser explorada por Daltry.

— Meus amigos os acompanharão escada acima — continuou o capitão.

— Mas é bom lembrarem que estarei logo atrás, com o dedo no gatilho!

— Comunicarei minha resposta assim que me sentir em condições — disse o duque calmamente, enquanto saía da sala, segurando Helen pela mão.

O capataz ia à frente, com Albert a seu lado, enquanto o capitão se postava atrás do duque, pressionando a arma contra suas costas. Subiram vários lances de degraus, até alcançarem o terceiro andar, cujo corredor era bem mais estreito e onde havia uma série de portas, que provavelmente pertenciam aos quartos dos empregados.

O chão estava coberto de pó, e ao fim do corredor, eles se depararam com um pequeno cômodo, que estava aberto. Tratava-se de um lugar escuro e frio, com uma cama de ferro, um móvel à guisa de gaveteiro, onde faltavam vários puxadores, e uma bacia cheia de água.

— Como pode ver, desfrutará de muito conforto por aqui, e, para sua irmãzinha, há um quarto idêntico conjugado a este — informou o capitão, que, senhor da situação, tudo fazia para mostrar-se sarcástico.

O quarto destinado a Helen, no entanto, era ainda pior do que o primeiro, e, embora houvesse cobertores sobre a cama, o chão era úmido e um dos pés do gaveteiro estava apoiado por tijolos.

Inspecionando rapidamente os dois aposentos, Daltry dirigiu-se, mais uma vez, ao duque:

— Se, por acaso, estiver pensando em escapar, deixe-me avisá-lo de que Albert ficará de guarda do lado de fora, e eu, no pavimento inferior, pronto para atirar no primeiro que se aproximar na escuridão. Voltarei pela manhã, e estou certo de que não o encontrarei indeciso quanto à assinatura, pois sua bela irmãzinha tratará de convencê-lo de que é o melhor a ser feito. A privação, sem dúvida, é um argumento poderoso...

Em seguida, ele deixou o quarto, sem dar tempo para qualquer resposta. Girou a chave e colocou a pesada tranca na porta, tarefa repetida no quarto seguinte.

Após certificar-se de que ele se distanciara, Helen virou-se para o duque, assustada:

— O que faremos agora? Acredita que eles nos deixarão aqui, passando fome, se não assinar os papéis?

Ervan passou o braço em torno dela, numa atitude protetora, e disse, em meio à escuridão do quarto:

— Não se preocupe. Descobriremos um meio de sair desta armadilha.

O duque parecia muito calmo e confiante, o que deu a Helen um pouco de serenidade.

— Bem, se não podemos sair pela porta, que tal pela janela? — arriscou ela.

Imediatamente, eles se aproximaram da janela, mas logo desistiram da idéia. Além de ser muito estreita, localizava-se no topo do telhado. Chegar ao chão, por ali, seria privilégio exclusivo de quem possuísse asas...

Desanimada, Helen soltou-se do braço do duque e sentou-se na cama, sentindo a dureza do colchão, provavelmente estofado com algum tipo de semente.

— Que vamos fazer?

— Creio que se torna difícil pensar num plano, agora — respondeu o duque em voz baixa.

— Logo que os vi, tive a sensação de que eram desagradáveis, enganadores, mas não imaginei que pudessem chegar a esse ponto!

Helen abriu a bolsa e, tirando um lápis, começou a desenhar pelas paredes. Com desempenho e perfeição admiráveis, desenhou primeiro o capitão, como uma raposa de dentes grandes e proeminentes; em seguida, o gambá, menor e perfeitamente identificável, e, colocando-se acima dos dois, a figura do orangotango, grande, desengonçado e ameaçador.

O duque observava seu trabalho, impressionado com o comportamento inédito de sua companheira de infortúnios, sobretudo em circunstâncias tão desagradáveis. Mais do que nunca, preocupava-se com o destino de ambos, principalmente porque, seguindo as recomendações de Daltry, ele fizera segredo total quanto ao lugar para onde viajara, o que tornava remota qualquer possibilidade de auxílio. Sua ausência aos encontros marcados no máximo desapontaria aqueles que o aguardavam, mas dificilmente provocaria alguma preocupação mais séria. “Preciso encontrar um modo de fugirmos daqui”, pensou, enquanto examinava cuidadosamente cada canto

do quarto.

Helen terminara seus desenhos, e o duque se dirigiu para o quarto vizinho. Para seu desapontamento, porém, ali também não havia nenhum indício de saída provável; era mais uma prisão segura do que um quarto. Ergueu a cabeça e, ao deparar-se com o forro baixo, cheirando a umidade, ocorreu-lhe uma idéia. Examinando-o com maior atenção, encontrou o que procurava.

— O que está fazendo? — perguntou Helen, aproximando-se.

O duque pôs os dedos nos lábios, pedindo silêncio, e apontou para o teto, onde havia uma abertura, expediente comum nas águas-furtadas antigas, por onde se podia alcançar o forro, ou o telhado, a fim de se trocar telhas ou realizar alguns reparos.

Ele trouxe uma cadeira de um dos quartos e, subindo nela, começou a pressionar a abertura com cautela, tentando abrir a tampa, primeiro como quem sonda sua firmeza, e depois com mais força. Depois de algum tempo de trabalho paciente, a tampa finalmente cedeu, com um ruído surdo. Ele desceu da cadeira e dirigiu-se ao outro quarto, onde Helen, preocupada com a possibilidade de alguém ouvi-los, tentava identificar os movimentos de Albert, fora do quarto.

O duque puxou-a pela mão e ambos se sentaram na cama.

— Acho que poderemos sair pelo forro, assim que escurecer. Precisamos investigar.

Helen o interrompeu:

— Nesse caso, eu irei! Você deve ficar, pois poderão querer falar com você. Caso o capitão volte, diga que estou dormindo e não devem me aborrecer. Se você não estiver aqui para responder, eles entrarão e estará tudo acabado. Poderiam nos colocar no celeiro...

Ele não retrucou, lembrando-se de como as mulheres costumavam temer os ratos.

— Você tem razão nesse aspecto... Mas acha que conseguirá explorar o forro?

— Tenho certeza de que sim. Em minha casa, há o mesmo tipo de construção, e estive lá muitas vezes, brincando de esconde-esconde.

Vendo que ele não se mostrava convencido, Helen continuou:

— Além do mais, sou bem mais leve que você, o que torna o serviço mais fácil e rápido.

– Muito bem, mas deve me prometer que não se arriscará demais. Deverá apenas descobrir se há uma possibilidade de fuga. Depois, volte e conte-me o que descobriu.

Evitando falar mais do que o necessário, eles se dirigiram para o outro quarto. Helen tirou o chapéu e a capa, colocando-os sobre a cama. Com os cobertores, moldou uma espécie de corpo humano, de modo a dar a impressão de estar deitada.

Logo depois, colocou-se debaixo da tampa do forro e olhou para o duque, que a ergueu, ajudando-a a alcançar a abertura do teto.

Como ela imaginara, o ambiente era razoavelmente iluminado, pois, além de haver telhas de vidro, muitas também estavam quebradas. Movendo-se devagar, avançou evitando escorregar ou pisar nas partes que cobriam os locais onde os homens deviam estar vigiando.

Alcançar o outro extremo da casa pareceu-lhe um caminho sem fim, e seus joelhos já começavam a doer, bem como seus ombros. Percebeu então uma luz vindo de baixo, e depois, a ponta de uma escada, junto à qual havia um martelo e uma chave de fenda, como se alguém tivesse estado trabalhando ali pouco tempo antes.

Examinou atentamente a direção da escada, certificando-se de que não dava acesso ao corredor onde Albert montava guarda, e viu portas saindo para o lado oposto.

Conhecendo bem aquele tipo de construção, Helen deduziu que ali ficavam os pequenos quartos ocupados pelos empregados menos qualificados, que aguardavam por uma promoção. Tais aposentos eram desprovidos de janelas externas e, portanto, insalubres; estava certa de que Albert não estaria em nenhum deles, e que procuraria um quarto bem mais confortável para se instalar. Determinada a descobrir um pouco mais, colocou os pés, calçados só com as meias, na escada e alcançou um corredor que terminava em outra escada, que deveria dar acesso à cozinha.

Sem hesitar, desceu os degraus, sempre atenta a qualquer ruído ou vulto, consciente de que, numa casa grande e vazia, os sons espalhavam-se com maior rapidez. Desse modo, chegou ao segundo andar e, ao perceber que a escada continuava, teve a certeza de que conseguiriam escapar.

De repente, ouviu um som e ficou à espreita, hesitando entre esconder-se e voltar para o lugar de onde viera. O som se repetiu, e ela percebeu que se tratava da voz de um homem idoso. Portanto, não se tratava de nenhum dos

companheiros do capitão.

Seu instinto lhe disse que poderia confiar no dono daquela voz, e, ao localizar o compartimento de onde vinha o som, bateu à porta, delicadamente.

Como não ouvisse resposta, abriu a porta, deparando-se com um quarto grande. Sentado em frente a uma lareira, numa poltrona, um velho de cabelos brancos e aspecto franzino, enrolado num manto de lã, estendia as mãos em direção ao fogo, com o intuito de aquecer-se.

Fechando a porta com cuidado, dirigiu-se a ele:

– Boa noite! Ouvi-o respirar com dificuldade, e vim ver se precisa de ajuda.

O velho olhou-a, admirado, esforçando-se por divisar a imagem, pois um de seus olhos já apresentava catarata em estado adiantado:

– Quem está aí? São aqueles homens a quem o patrão emprestou a casa por um dia ou mais?

– Não. Mas pode dizer-me quem é o senhor?

– Cuido da casa. Quando o patrão, o sr. John, como o chamo desde menino, partiu com o regimento, pediu-me que, juntamente com minha esposa, tomasse conta de tudo aqui, até a sua volta.

Helen sentou-se em frente ao velho e estendeu as mãos para o fogo.

– O senhor disse que seu patrão partiu com o regimento – repetiu ela, lembrando-se de que Daltry lhes dissera que o dono da casa estava em Londres, divertindo-se.

– Oh, sim! Ele foi para o exterior, mas voltará. Há uma semana, recebi uma carta dele, dizendo que virá para o Natal.

– Isso é muito bom... E o senhor já conhecia esses amigos a quem ele emprestou a casa?

– Nunca os vi antes. Eles me deram cinco *shillings* para eu não ficar por aqui, e disseram que usariam a cozinha e os demais aposentos.

Ele fez uma pausa, e depois, baixando a voz, perguntou-lhe:

– Não vai contar-lhes que estou aqui, não é, senhorita? Eles me mandaram ficar na aldeia...

– Não, claro que não, não se preocupe. E, se acredita em mim, duvido que seu patrão lhes tenha emprestado a casa.

– O que está dizendo, senhorita? Acha que são impostores?

– Eles estão tentando vender a mina!

— Vender a mina?!

O velho fitou-a atônito, e, em seguida, riu tanto, que lhe faltou o ar.

— Quer que lhe dê um copo d'água?

— Não, está tudo bem. O que me disse é realmente muito engraçado!

— Por quê? — perguntou Helen, intrigada.

— Naquela mina, senhorita, não há um punhado sequer de carvão para vender!

— Tem certeza disso?

— Claro que sim, pois o patrão a fechou há seis anos!

— Quer dizer que a mina não produz mais nada?

— É o que lhe digo! Um punhado ou mais para se usar no fogão, mas a maioria prefere madeira. O patrão é muito generoso, e, quando a mina fechou, ele deixou que o povo da aldeia trabalhasse nas terras. Alguns partiram para o País de Gales, e outros permaneceram aqui.

Fascinada com aquela revelação, Helen observou o velho, que parecia feliz por ter alguém com quem conversar.

— É bom não trabalhar na mina, agora que estou tão velho — continuou ele. — Vim para cá porque o patrão pediu que eu e minha esposa cuidássemos da casa...

— E onde está sua esposa agora?

— Ela morreu há três meses. Fiquei só...

— Posso entender. Sinto muito pelo senhor.

— Ela era da Cornualha, como eu.

— Percebi isso pelo seu modo de falar.

— É, dizem que todo mundo lá tem esse sotaque. -

— Sente saudades da Cornualha?

— Sim, mas não posso voltar. Há muito cobre naquelas terras, mas o duque fechou a mina, porque não queria que ninguém passasse a vida na escuridão.

— Para que duque trabalhava?

— Para o duque de Marazion, uma pessoa muito fina, um cavalheiro, que não podia ver um homem sofrendo sem o ajudar.

Após respirar profundamente, continuou:

— Quando ele fechou a mina, eu o preveni de que estava perdendo uma fortuna. Mas eles são tão ricos, que não precisam de dinheiro, como as pessoas comuns.

— Embora eu esteja simpatizando muito com sua história, preciso voltar para o lugar de onde vim. Se me demorar, ficará muito escuro para achá-lo.

— Você é uma boa moça, e apreciei sua companhia. Venha outra vez!

— Voltarei, em uma hora ou mais. Importa-se?

— Será bem-vinda. Poderei lhe contar mais coisas sobre os bons tempos; mas não diga ao pessoal lá embaixo que estou aqui.

— Não, prometo-lhe. E, se por acaso o encontrarem, gostaria que também não lhes dissesse que me viu.

— Com este meu problema nos olhos, senhorita, eu não poderia mesmo dizer que a vi! — disse ele, rindo.

— Conserve-se quente. Prometo que voltarei mais tarde — respondeu ela, pegando suas mãos magras e frágeis. — Foi muito bom encontrá-lo.

— Obrigado, minha querida. Obrigado!

Levantando-se, ela saiu e fechou a porta silenciosamente, subindo as escadas de volta, feliz com a escuridão, que a protegeria numa emergência.

Subiu para o forro e, movimentando-se com agilidade, chegou à abertura do quarto, onde o duque, ansioso pela sua volta, olhava para cima, com atenção. Ela estendeu os braços e ele a pegou cuidadosamente, colocando-a no chão.

Por um momento, o duque a abraçou e a reteve junto a si. Helen teve a impressão de que voltava para casa, sentindo-se protegida por sua força, que lhe transmitia segurança.

Percebeu que ele a olhava de um modo diferente, mas, como estava ansiosa por lhe contar as novidades, disse, agitada:

— Está tudo bem! Descobri que há um jeito de escaparmos, e tenho muito a lhe contar!

— É o que estou esperando ouvir! — disse ele, afastando-se um pouco.

— Bem, em primeiro lugar, garanto que temos noventa por cento de chance de fugir daqui!

— Noventa por cento? Isso é muito bom! Mas por que esse limite? Não temos cem por cento?

— Seria bom guardar sempre uma reserva, quanto às nossas possibilidades. O otimismo em excesso poderia prejudicar nossa fuga.

— Está certa! E vejo que leva a sério nossa aventura, o que é essencial para um bom resultado. Mas, diga-me: por que tem tanta certeza de sucesso? Acaso encontrou alguém que possa nos servir de refém, ou qualquer trunfo

assim?

— Muito melhor do que isso! Tive alguma dificuldade em encontrar uma” saída segura, mas tive a sorte de, entre as inúmeras portas que surgiram à minha frente, escolher justamente a que dava para o quarto de um antigo empregado da casa.

— Um empregado de Newall? E o que ele lhe disse?

— Seu patrão, na verdade, não está em Londres, mas no exterior, servindo ao regimento, e não faz a mínima idéia das transações que o capitão realiza aqui.

— Então, ele não sabe que Daltry pretende vender a mina?

— Não, e creio que jamais pensaria em fazê-lo. Pelo que o velho empregado disse, a mina é improdutiva, e está fechada há anos!

— O que está me dizendo?! — espantou-se o duque, boquiaberto. — Então, além de tudo, Daltry também conseguiu nos enganar quanto à potencialidade da mina?

— Sim, e enganou também o pobre velho, oferecendo-lhe alguns trocados, em retribuição pelo uso da casa, para impressionar você.

O duque deu alguns passos pela sala, visivelmente furioso com aquele homem que fora capaz de trapacear tanto.

— Diga-me, Helen: tem certeza de que esse velho com quem você conversou é de confiança e não contará tudo a Daltry?

— Não há o que temer. Ele também não quer que o capitão o descubra aqui, pois fez o trato de ficar na aldeia.

— E ele acha que há algum modo de escaparmos daqui sem risco de vida?

— Não entrei nesses detalhes, mas é evidente que, conhecendo a casa melhor do que ninguém, saberá apontar-nos o caminho da saída. Além disso, não está gostando nada de ter concordado com o empréstimo da casa, principalmente depois que lhe contei as reais intenções de Daltry.

— Isso é ótimo! Devo dizer que me felicito mais uma vez por ter confiado em você e por tê-la convidado a vir comigo!

— Quem deve lhe agradecer sou eu. De outro modo, não imagino onde estaria neste momento.

— Eu estava ficando preocupado com sua demora.

— Bem, perdi um pouco a prática de andar pelos forros. Afinal, passei da idade de brincar de esconde-esconde — respondeu ela, rindo.

- Mas você teve alguma dificuldade?
- Só a esperada. Lá em cima é muito escuro, e minhas roupas se prendiam nas vigas, de vez em quando.
- E quanto aos homens do capitão?
- Quando sairmos do forro, através de uma escada lá colocada, deveremos ter um cuidado redobrado, pois passaremos bem em frente a uma das portas onde, com toda a certeza, o “Orangotango” deve estar.
- E você conseguiu saber alguma coisa quanto à posição de Daltry na casa?
- Na certa, ele deve estar em algum local estratégico, mas o velho saberá nos dizer qual das salas dá uma visão total da casa.
- Muito bem, Helen. Agora, procure lembrar-se de tudo o que pôde ver. Conte-me novamente todos os detalhes que observou, e vamos traçar a nossa fuga para a liberdade.

CAPÍTULO V

Helen contou ao duque, mais uma vez, todos os detalhes que pudera observar durante sua inspeção ao forro: as escadas e portas que encontrara e o local aonde conseguira chegar. Ele a ouvia atentamente, satisfeito com os trunfos obtidos e com a possibilidade de escaparem.

Assim que concluiu seu relatório, ela perguntou:

— Vamos agora?

— Não creio que seja o momento adequado. Está muito escuro lá fora, e nós nos moveríamos com dificuldade.

Mesmo reconhecendo que ele tinha razão, Helen suspirou, ansiosa.

— Não vejo a hora de sair daqui!

— Nem eu. Mas devemos planejar cada passo; não podemos cometer um erro sequer.

— É verdade! Daltry, sem dúvida, será capaz de tudo para atingir seu objetivo — concordou, lembrando-se das palavras ameaçadoras do capitão.

— Devemos aguardar até a madrugada, quando haverá luz suficiente para nos guiar.

Assentindo com um gesto de cabeça, ela considerou o plano razoável. Desde que retornara ao quarto, notara que a escuridão aumentava sensivelmente, e já se podia avistar uma ou outra estrela no céu.

— Tenho mais uma sugestão a fazer... — começou ele, hesitante.

— Qual é?

— Durante as viagens, em noites frias, é comum os homens dormirem junto aos seus cavalos... Trata-se de uma necessidade, a menos que se queira acordar reduzido a uma pedra de gelo!

Helen esforçou-se para não rir, e o duque continuou:

— Como não temos cavalos conosco, proponho que nos deitemos próximos um do outro; caso contrário, poderíamos acordar resfriados.

Para sua surpresa, ela respondeu sem hesitação:

— Também acho que é a coisa mais sensata a fazer. E qual dos quartos de nossa magnífica suíte sugere que utilizemos?

— Fiz algumas investigações, enquanto você esteve fora. Encontrei um travesseiro e, acredite ou não, outro cobertor!

— Ora, ora, que luxo inesperado! — exclamou ela, rindo. Em seguida, o duque se levantou e ela pegou seu manto, que ainda se achava sobre o colchão. Logo percebeu que ele providenciara tudo, transportando os cobertores para o quarto ao lado, e o acompanhou.

Após tirar o casaco e as botas, Ervan deitou-se na cama e estendeu o braço, de modo que Helen pudesse apoiar a cabeça em seus ombros.

Sem pensar duas vezes, ela se acomodou ao lado dele, sentindo que o calor daquele corpo atlético junto ao seu lhe transmitia segurança. O duque puxou então um dos cobertores, colocou-o sobre seus pés delicados e, com as outras mantas, cobriu a ambos, pondo a capa de Helen por cima de tudo.

Nesse momento em que a ansiedade provocada pelas novidades passara, Helen percebeu como estava frio e úmido na água-furtada. Encostou-se um pouco mais no duque, de modo a escutar as batidas de seu coração, e perguntou-se como seria possível estar dormindo ao lado de um homem que conhecera somente no dia anterior. No entanto, tinha a sensação de conhecê-lo há tempos. Confiava nele a ponto de não sentir mais medo. De fato, praticamente esquecera os momentos de terror que passara, diante das ameaças do capitão e dos seus capatazes. Pensava apenas na perspectiva de fuga e sentia-se mais animada.

— Agora, durma! — recomendou o duque. — Eu a acordarei quando chegar a madrugada.

— Não podemos perder a hora...

— Não se preocupe. Em minhas viagens, aprendi a acordar na hora em que desejo.

— Gostaria que me contasse sobre suas aventuras.

— Farei isso com prazer, mas agora você precisa descansar.

Helen concordou, feliz por notar a sincera preocupação dele. Tranqüilizava-a saber que não se enganara, ao pressentir que poderia confiar em Ervan.

O duque, incapaz de conciliar o sono, contava as estrelas que surgiam, tentando compreender a estranha sensação que se apoderara dele, quando vira Helen surgir na abertura do forro, sorrindo com ar de quem trazia boas notícias. Como ela demorasse muito a voltar, Ervan ficara extremamente ansioso, temendo que a tivessem descoberto. Para passar o tempo, então, ele fizera as investigações de que falara, descobrindo o travesseiro e o cobertor extra. A umidade e o frio da água-furtada o preocupavam e, depois dessa

desagradável experiência, decidiu que, assim que chegasse a Cornwall, iria inspecionar pessoalmente as acomodações dos empregados, de modo que nenhum passasse por necessidades daquele tipo. Era uma pena, também, que não contasse com luz de espécie alguma, nem tivesse como fazer fogo, mas os homens do capitão não seriam ingênuos a esse ponto; senão, ele poderia atear fogo à janela e fugir. Sem outra coisa a fazer, só lhe restara pensar em Helen e no motivo de sua demora. Estava ficando quase desesperado, quando a vira sorrir através da abertura do forro. Lembrava de tê-la pegado nos braços e de sentir o sangue latejar-lhe nas têmporas. Enquanto a estreitava no peito, sentira um desejo incontrollável de beijá-la. No entanto, esforçara-se para resistir, percebendo que poderia assustá-la e, ainda, perder a confiança que ela demonstrara sentir nele. Agora, porém, que estava lado a lado com ela na cama, reconhecia que seus sentimentos em relação a Helen eram muito diferentes dos que experimentara com outras mulheres. Não havia apenas uma paixão ardente, mas alguma coisa mais profunda. Ao mesmo tempo que se sentia atraído por ela, queria protegê-la de qualquer perigo ou ameaça, evitando-lhe o menor dissabor. Helen dormia profundamente e dos seus cabelos desprendia-se um agradável perfume, o mesmo que ele sentira ao entrar em seu quarto, na estalagem, e que tentara em vão identificar. Lembrou-se das preces de sua mãe e imaginou que a duquesa ficaria feliz ao saber que o filho, finalmente encontrara um grande amor. Não havia sido nos picos do Himalaia, nem na Acrópole, em Atenas, mas na água-furtada de algum criado, fria e úmida, onde ambos eram prisioneiros de um homem sem escrúpulos, que exigia uma soma absurda por uma mina improdutiva ...

Na verdade, ele seria capaz de dar toda a sua fortuna para; evitar que Helen passasse algum sofrimento. Entretanto, a julgar pelas circunstâncias, a aventura inesperada se encaminharia para um final feliz, e ele até já se divertia com o que lhes acontecera. Apesar do aborrecimento, o duque não podia deixar de reconhecer uma certa originalidade no plano de Daltry: vender uma mina extinta, utilizando para suas transações na casa do proprietário, sem que este tivesse qualquer participação no negócio. Certamente, depois de tanto esforço, o capitão não ia querer passar por bobo, desistindo de vender a mina e obter suas vinte mil libras. Ao contrário, ele tudo faria para atingir seus propósitos. Por sua vez, o duque encontrara algo que nem toda a sua fortuna poderia pagar, e o sentimento que nutria por Helen valia qualquer aborrecimento que pudesse estar passando. De repente,

porém, ele deu conta de que desconhecia tudo sobre Helen: o nome dos seus pais, o local de onde viera, por que saíra sozinha de casa...Evidentemente, não faria diferença nenhuma se ela viesse de família abastada e nobre, ou se fosse filha de mineiros ou camponeses. De qualquer modo, desejava-a para esposa e tinha certeza de que Helen representava o ideal de mulher que ele procurara durante toda a vida. “Eu a amo, minha querida! E, quando estivermos a salvo, eu lhe direi isso!”, pensou, enquanto beijava carinhosamente seus cabelos macios. Enquanto a maioria das mulheres que ele conhecera usava a condição feminina para atingir seus objetivos junto aos homens, Helen era tão inocente e inexperiente, que sequer o olhava como homem, e aceitara com tranqüilidade a proposta de dormirem lado a lado. A noite se demorava, numa doce agonia, adiando o momento em que ele poderia lhe falar, enfim, de seus sentimentos.

Lentamente, Helen sentiu-se voltando de um sonho, à medida o duque a chamava, repetidas vezes, com delicadeza. Após alguns segundos, em que tentara entender o que se passava e onde estava, ela o viu de pé ao lado da cama, mas nada disse, lembrando-se da importância de manter silêncio.

Rápida, levantou-se, pegou os sapatos, que largara no outro quarto, e o manto, que o duque pusera sobre a cama.

Sem perder tempo, ambos se postaram sob a abertura do forro, e ele a segurou na altura dos joelhos, levantando-a até a boca do teto.

Helen procurou encontrar a direção certa, sabendo que o duque viria logo atrás e contaria com sua experiência para achar o caminho.

Apesar da longa distância e da iluminação ainda precária, alcançaram sem grandes dificuldades a escada colocada no outro extremo do telhado. Aquele lugar era o que exigia maior atenção, pois qualquer ruído poderia alertar Albert. Por sorte, àquela hora, seria pouco provável que houvesse um sentinela e, também nisso, o duque provara que sua tática era eficiente.

Passada a fase perigosa, eles se encaminharam para o quarto onde Helen conversara com o empregado, e entraram sem bater. Sem muita surpresa, ela viu a lareira acesa e o velho sentado na poltrona, no mesmo lugar de antes, com um manto sobre as pernas, que descansavam sobre outra poltrona. A seu lado, uma vela queimava, constituindo a única iluminação do quarto, além da lareira acesa.

— Ah! Aí está de novo! — disse o velho, demonstrando alegria.

— Sim, eu voltei! E trouxe junto um amigo. Como eu, ele também está

tentando escapar desses homens que não têm o direito de ocupar a casa.

— O patrão cuidará deles, quando voltar!

— Sem dúvida! — interveio o duque. — Mas o importante agora, é que nos ensine como sair dessa casa sem sermos vistos.

— Aonde querem chegar?

— Aos estábulos. Poderemos pegar meus cavalos e fugir antes que percebam.

— Devem tomar cuidado! Não sei o que o sr. John dirá ao ver esses homens usando sua casa e vendendo sua mina sem carvão! — exclamou o velho, sorrindo para Helen.

— Precisamos nos apressar — insistiu o duque. — Gostaria de que nos ensinasse como chegar aos estábulos.

O velho empregado descreveu, com detalhes, todo o itinerário que deveriam seguir, que terminava numa porta junto ao estábulo, no jardim.

— Chegando lá, ninguém poderá vê-los, se vocês se protegerem sob os arbustos. Os estábulos ficam à direita.

— Eu lhe agradeço muito — disse o duque. — Quando seu patrão voltar, escreverei contando como nos ajudou.

— É muita bondade sua, sir. Não gostaria que ele pensasse que falhei, deixando esses impostores entrarem em sua casa na sua ausência.

— A culpa não foi sua. Aliás, não tinha como impedi-los. De qualquer modo, aconselho-o a ficar fora da visão deles, até que partam.

Antes de sair, o duque colocou duas moedas de ouro mãos do velho, e Helen abraçou-o comovida.

— Obrigada, muito obrigada! Estou certa de que sua esposa pensa no senhor, esteja onde estiver.

Ela ainda teve tempo de ver-lhe as lágrimas escorrendo pelo rosto, antes que o duque a puxasse para fora do quarto, fechando a porta suavemente. De mãos dadas, eles seguiram as instruções do empregado, até chegarem à porta externa, que dava acesso ao jardim. O duque parou um instante para calçar as botas, e em seguida correram, protegidos pelos arbustos. Logo encontraram os Portões dos estábulos. Entraram devagar, conscientes de que aquele seria o momento de maior perigo. Se o cavalariaço de Daltry estivesse ali e o visse, poderia dar o alarme, e tudo teria sido em vão.

Não havia, entretanto, sinal dele por ali. Via-se somente uma longa fila de cocheiras, e nelas, além dos animais da carruagem do duque, havia

somente mais um cavalo. O duque foi inspecionando cocheira por cocheira, até parar diante de uma delas, onde Hanson dormia. Antes de falar com ele, tapou-lhe a boca, perguntando, em seguida, pelo cavaleiro de Daltry.

— Está lá em cima, na água-furtada, sir.'

— Ótimo! Agora, prepare os cavalos, pois precisamos partir rapidamente!

Helen observou um perfeito entendimento entre o duque e seu criado, que parecia não se surpreender com nada, estando sempre preparado para qualquer novidade.

Sem perder tempo, selaram os animais, atrelando a um deles? uma sela de mulher. Era óbvio, embora ninguém o tivesse comentado, que resgatariam a carruagem posteriormente.

Hanson, que levava um cavalo além daquele em que montava, percebendo que o duque continuava preocupado com o cavaleiro de Daltry, tranqüilizou-o, informando que o rapaz bebera muito na véspera e, com toda a certeza, devia dormir profundamente.

Antes de partirem, o duque refletiu sobre a melhor direção a tomar. Havia uma saída junto à casa, que dava direto na estrada, mas, se a tomassem, poderiam ser vistos por Daltry com facilidade. Relanceando um olhar ao redor, ele notou um portão, que dava para um pasto, e optou por esse caminho, apontando-o a Hanson.

Em silêncio, os três deixaram o estábulo. O duque ia a pé, segurando as rédeas de seu cavalo.

Ao montar, Helen percebeu que esquecera o chapéu, e imaginou que devia ficar esquisita sem ele. O duque, no entanto! achava exatamente o contrário, fascinado com a beleza dos cabelos loiros que lhe caíam pelos ombros, iluminados levemente pelos primeiros raios de sol.

Saindo dos seus devaneios, ele se censurou pelo momento de distração, e, vendo uma porteira adiante, pensou em abri-la para Helen. Isso não foi necessário, porém, pois, com muita graça, ela guiou seu cavalo de modo a saltar as barras.

Hanson, com outro cavalo para dominar, precisou ser mais cauteloso, mas logo os alcançou. Quando se viram fora do campo de visão da casa, Helen, pela primeira vez, atreveu-se a falar:

— Conseguimos!

— Sim, acho que tem razão! Nem quando ganhei à Copa de Ouro, em

Ascot, senti tanto prazer e emoção!

Helen riu, aliviada, e ele prosseguiu:

— Gostaria de ver a reação de Daltry, quando abrir a porta dos quartos e constatar que o frio e a fome provocaram um efeito diverso do esperado!

— Foi mérito seu achar a tampa do forro!

— E seu, encontrar o velho que nos ensinou como sair da casa.

— Você não vai se esquecer de escrever ao patrão dele, como prometeu, não é?

— Você está me ofendendo! Nunca falto com minha palavra!

— É claro! Eu não esperaria outra coisa!

Os dois riram e aceleraram os cavalos, animados com a liberdade reconquistada. Depois de percorrerem muitas milhas sem parar, o duque disse:

— Creio que meu anfitrião ficará surpreso, ao me ver chegar tão cedo! Na verdade, estou faminto, e sugiro que façamos uma parada para um café.

Helen olhou-o surpresa, sem entender o convite. Afinal, não havia nada por ali que se parecesse com uma estalagem ou algo do gênero.

— Está sugerindo que comamos grama?

— Tenho uma idéia melhor. Vamos procurar uma fazenda onde pediremos comida para três viajantes famintos.

— Pelo modo como fala, parece que já lançou mão desse expediente antes!

— Aqui, na Inglaterra, nunca. Mas nos países árabes e nos; mosteiros do Tibet jamais deixam um forasteiro ir embora sem uma boa acolhida. E ninguém se nega a oferecer uma refeição a um viajante.

— Oh, que bom! Já está começando a contar-me sobre suas viagens, como prometeu!

— Isso eu deixo para depois! No momento, só consigo pensar! em comida!

Sorrindo, eles voltaram a exigir maior velocidade dos cavalos e, após meia milha, avistaram uma grande fazenda, com um casarão preto e branco no centro. Tais cores eram remanescentes dos tempos dos Tudor, e características tanto de Worcestershire quanto de Gloucestershire. À medida que se aproximavam, o duque pensava que, com, toda a certeza, uma fazenda tão próspera teria uma dona da casa de coração generoso, que não lhes recusaria um bom desjejum.

Pouco depois, o duque e Helen estavam sentados numa confortável sala de estar, junto a uma lareira que ardia. Haviam sido muito bem recebidos, e a filha do fazendeiro, uma moça simpática, lhes servira pão caseiro, recém-saído do forno, uma tigela de manteiga fresquinha e um pote de mel.

— Se você contar a alguém o que nos aconteceu desde a manhã de ontem até hoje, ninguém acreditará! — comentou Helen, quando ficaram a sós.

— Por isso, devemos tomar cuidado com as palavras.

— Pretende guardar segredo?

— Ainda não sei. Preciso refletir um pouco mais. Depois de alguns momentos de silêncio, Helen, que se sentara no tapete, junto ao fogo, comentou:

— Posso estar errada, mas imagino que não gostará que seus amigos saibam como foi destrutado por Daltry e seus homens.

— Tem razão! É o tipo de história que se espalharia rapidamente pelos círculos sociais que frequento, e seria exagerada e aumentada ao máximo, de acordo com quem a contasse. Além do mais, eles enfatizariam a presença de uma bela mulher comigo!

— Mas você deixou-os crer que eu era sua irmã.

— Isso não atenua a situação, apenas piora o quadro, pois jamais poria minha irmã junto com Daltry.

— Ele julgou que eu fosse apenas uma garota...

— Você não é tão jovem assim, e, sendo um irmão responsável, eu deveria ser mais consciencioso quanto às suas companhias.

— E quanto a lorde Armitage? O que dirá a ele?

— Acho conveniente explicar que nos atrasamos por causa da cerração e por termos sofrido um acidente com a carruagem. Por isso a deixamos para trás e seguimos com os cavalos.

— É uma boa saída!

— Nesta época do ano, a cerração é imprevisível, e são comuns os acidentes desse tipo.

— E onde dirá que passamos a noite?

— Na estalagem em que a encontrei. Pode ser que lorde Armitage conheça Newall, e não seria bom envolvê-lo nessa história.

— Tem razão. Talvez fosse melhor contar também a Hanson o que decidiu.

— Sim, vou aproveitar que ele está com os cavalos no quintal e cuidar de

que faça uma refeição.

O duque saiu, e Helen ficou a olhar o fogo, lembrando tudo o que acontecera. Nunca imaginara que, no espaço de poucas horas, fosse viver tantas coisas extraordinárias. Na verdade, nem tudo fora agradável, como a perseguição daquele homem na estalagem, ou os momentos em que ficaram aprisionados, ameaçados por Daltry. No entanto, tivera uma sorte enorme por encontrar alguém como sir Ervan. Ele era, sem dúvida, extremamente gentil e muito cavalheiro, e Helen impressionara-se com suas qualidades. Dormira com tranqüilidade em seus braços fortes, e, embora isso pudesse ser motivo de reprovação para muitas pessoas, ela estava consciente de que agira de maneira acertada. Perdida em tais pensamentos, sobressaltou-se ao deparar-se com o duque, que voltava.

— Falou com Hanson?

— Sim.

— Acha que ele não cometerá enganos junto aos criados de lorde Armitage?

— Não me preocupo com isso. Hanson trabalha para mim há anos, e, embora não tenha viajado comigo por outros países, está sempre preparado para emergências.

Dito isso, o duque acomodou-se numa poltrona, lembrando-se de uma parte de sua conversa com o criado:

— E não esqueça, Hanson: a jovem que me acompanha é minha irmã, srta. Georgina. Seria um grande erro se lorde Armitage soubesse de sua verdadeira identidade.

Embora ele tivesse notado um olhar de indisfarçável impertinência no rosto do criado, continuara:

— Informe aos outros que encontramos a srta. Georgina na cerração e que ela teve que se abrigar na estalagem.

O duque olhou para Helen, percebendo que pela primeira vez a achava uma mulher linda pela manhã, apesar de notar que ela não tinha consciência de sua beleza. Lembrou-se da alegria que notara em seu rosto, quando a filha do fazendeiro entrara com uma travessa repleta de quitutes para o desjejum. Acostumado com a reação estudada das mulheres, que, preocupadas em não aumentar as cinturas, provavam apenas um pedaço ou dois do que seu cozinheiro preparava, ele se admirara ao ver que Helen comera dois ovos, várias lingüiças e três porções de geléia.

— Não me lembro de ter apreciado tanto uma refeição! — dissera ela.

— Não é de estranhar.

— Por quê?

— Depois de ficarmos sem comer... Nem mesmo água nos deram!

— Acha que eles iriam continuar insistindo em que assinasse os papéis e cumpririam as ameaças?

— Estou convencido disso! Daltry deve ter gastado muito dinheiro, tanto no almoço quanto no aluguel do carro até a mina, além das despesas que ele e seus companheiros tiveram na viagem.

— Não posso sequer imaginar sua fúria, quando descobriu que fugimos!

— Vamos esquecer tudo isso, exceto que será uma história maravilhosa para contarmos aos nossos filhos e netos!

— Claro! Farei um livro e o ilustrarei para eles!

O duque percebera que, ao dizer aquilo, imaginara filhos e netos dos dois juntos, mas ela não notara que havia algo pessoal em suas palavras.

Nenhum dos dois se apressara em acabar o desjejum, e somente quando Helen não agüentava comer mais parou, o duque disse, com relutância:

— Acho que deveríamos partir.

— Talvez agora, como não tem mais necessidade de mim, devamos nos separar.

— Não, não posso permitir isso! Você me ajudou a sair desta situação ingrata, e sinto-me responsável por seu destino. Se deseja ir a Londres, eu a levarei até lá.

— Faria isso mesmo?

— Claro! Não gostaria que você pegasse um coche e se sujeitasse a ser perseguida por um homem como o da estalagem. Além do mais, poderia deparar-se com Daltry e seus homens retornando a Londres.

— Oh, meu Deus! Não havia pensado nisso! Claro que seria um erro ir a Londres bem agora, a menos que estivesse com você.

— Vou lhe dizer o que faremos: passaremos a noite com Armitage, que nunca viu minha irmã e, portanto, aceitará a história com facilidade. Amanhã, poderemos decidir se iremos a Londres ou não.

Na verdade, seu plano real consistia em dizer a Helen que a amava, assim que saíssem da casa de Armitage. Isso, no entanto, não lhe parecia ser muito fácil. Tinha a desagradável impressão de que ela não fazia a mínima idéia de seus sentimentos, e que reagia como se fosse mesmo sua irmã.

Precisava descobrir um modo de fazer com que Helen o amasse; porém, tinha consciência de que essa tarefa seria mais difícil do que escalar o Everest, ou explorar as profundezas do Atlântico. Sendo tão jovem e inexperiente, ela devia ser abordada com extremo cuidado, e ele não podia desapontá-la, nem permitir que ela perdesse a confiança que depositava nele. Como o sol penetrasse pela janela, iluminando os belos cabelos loiros, o duque refletiu que, realmente, era muito bom amar uma mulher e desejá-la para esposa. Seus sentimentos eram um misto de desejo e respeito. Ele se sentia como se a conhecesse há muitos anos. Mas precisava despertar nela esse amor. Absorto nesses pensamentos, surpreendeu-se ao ouvir a voz de Helen:

— Tem certeza de que quer mesmo que eu vá com você?! Não pretendo ser uma obrigação, mesmo porque já lhe forcei minha presença, lembra-se?

— Por sorte minha! Se não me tivesse chamado a atenção! quanto aos propósitos de Daltry e seus capangas, provavelmente eu teria caído na armadilha deles!

— Raposa! Gambá! Orangotango! Alegra-me não ter me enganado no julgamento que fiz!

— Bem, pelo menos, estamos livres, e eles não nos aborrecerão mais. Só espero que nosso anfitrião da noite não seja um tigre comedor de carne humana!

— Não creio! — disse ela, rindo. — Mas, se for, eu o avisarei!

O duque riu também, pensando em como tudo era diferente, quando o fazia com Helen. Até mesmo o riso era natural e espontâneo, tão diferente dos sorrisos forçados que se via obrigado a dar em outras situações.

Após lavarem as mãos, ele procurou pela filha do fazendeiro, que ficou radiante com a polpuda recompensa que recebeu pela refeição.

Montando os cavalos, eles seguiram sem pressa nenhuma, aproveitando a temperatura agradável do outono e conversando sobre os mais diversos assuntos, como uma viagem que ele fizera no deserto e de como se perdera numa tempestade de areia.

— Você tem muita sorte — comentou Helen. — Fez coisas com as quais sempre sonhei e encontrou pessoas que só pude conhecer através dos livros.

— Você terá muito tempo para isso! Talvez seu marido, quando o tiver, a leve a todos os lugares que deseja conhecer.

— Não pretendo me casar!

— Por quê?

— Por motivos pessoais, e não quero falar sobre esse assunto! — respondeu ela, forçando seu cavalo a correr, de modo que o duque ainda levou algum tempo até alcançá-la.

— Estou interessado e muito intrigado. Diga-me: por que não pretende se casar? Todas as mulheres o querem!

— Esse é um ponto de vista masculino!

— E de muitas mulheres!

— Quero estudar pintura e ser eu mesma.

— E precisa fazer isso sozinha?

Helen não respondeu, mas seu rosto ficou rubro, e o duque teve a impressão de que ela não estava totalmente segura de sua opinião. Isso já era um bom começo, embora ele estivesse decidido a não se apressar. Seria preciso paciência, persistência e, sobretudo, compreensão.

Sua mãe lhe dissera certa vez que ela e seu pai, quando se conheceram, tinham sentido amor à primeira vista. Talvez esse não fosse exatamente o seu caso; mas, pensando bem, a necessidade de proteger e de ajudar, que sentira em relação a Helen, só podia ser chamada de amor, apesar de ele próprio não o ter reconhecido na ocasião. “Eu a amo!”, pensou, observando-a cavalgar a seu lado, com os cabelos soltos brilhando sob o sol de outono.

Algumas milhas adiante, quando se aproximava a hora do almoço, surgiu à frente deles a casa de lorde Armitage. Tratava-se de uma imponente casa em estilo georgiano, e Helen imediatamente tomou consciência de estar vestida de modo impróprio.

Como se lesse seus pensamentos, o duque disse:

— Não se aborreça! Armitage é viúvo, e não acredito que tenha preparado alguma festa para mim.

— Que desculpa poderemos dar a ele, quanto ao fato de eu não ter bagagem? Sua carruagem já deve ter chegado, e eu deveria ter muitas roupas à disposição.

Após pensar um pouco, ele disse:

— Posso dizer que estava viajando comigo somente uma parte do trajeto, e que sua bagagem fora remetida antes, para a casa de alguns amigos. Quando paramos, por causa da cerração você decidiu que seria melhor continuarmos juntos.

— Você é maravilhoso! Sempre consegue achar uma solução para tudo! E é claro que se trata de uma história convincente! Posso fazer um ar

aborrecido e patético, se alguém se importar

— Se não me engano, ele tem algumas filhas, uma das quais deve ter a sua idade. Na certa, você não terá problemas quanto à troca de roupas.

— Vou manter os dedos cruzados até lá! — respondeu ela, desejando ficar mais bonita para o duque.

Tinha perfeita consciência de que o vestido que usava, embora relativamente novo, estava em péssimas condições, após tantas aventuras.

“Talvez sir Ervan nem note minha aparência. Mas, de qualquer forma, como ele é muito bonito, quero, ao menos, parecer sua irmã”, disse a si mesma.

Assim que eles surgiram na entrada, dois criados se adiantaram para recebê-los, seguidos por um senhor de idade avançada e ar jovial.

— Bem-vindo, meu querido duque! Estou feliz em vê-lo! Logo que lorde Armitage falou, Ervan se deu conta de sua falha. Tendo conversado sobre tantos assuntos, esquecera-se de revelar a Helen sua verdadeira identidade.

Mas o momento não se prestava a quaisquer esclarecimentos, e, após cumprimentar seu anfitrião, disse:

— Lamento pelo atraso, Armitage, mas fomos surpreendidos pela cerração, que acabou com todos os meus planos, bem como os de minha irmã, Georgina. Ela acabou resolvendo vir comigo.

— Fico contente por ter vindo, lady Georgina. É um grande prazer conhecê-la!

O duque tinha certeza de que Helen se espantara, ao saber sua identidade real, e admirou seu autocontrole, ao fazer a cortesia, antes de responder, com a voz levemente trêmula:

— Muito obrigada... por sua acolhida! O duque voltou a se dirigir ao lorde:

— Estava levando minha irmã para ficar com alguns amigos, mas a cerração obrigou-nos a passar a noite numa confortável estalagem que encontramos no caminho.

E, sorrindo, continuou:

— Você dificilmente acreditará, Armitage, mas tivemos um acidente com a carruagem e fomos obrigados a deixá-la para trás.

— Não é possível! Como, um campeão como você, que venceu todas as corridas da Inglaterra, pôde sofrer um acidente?

— Só posso culpar a cerração...

— Realmente, ouvi dizer que o tempo estava muito ruim, ao norte daqui.
— De fato, e, por causa disso, a bagagem de minha irmã, que já seguira, ficou em outro lugar.

— Não se aborreça! Não se aborreça! Minhas filhas poderão lhe ceder tudo o que precisar. Uma delas é de seu tamanho e, infelizmente, está fora no momento. Mas Harriet está aqui e cuidará de você.

No comando da situação, lorde Armitage mandou que o mordomo acompanhasse Helen ao andar superior e levou o duque até a sala de estar, onde sua filha os aguardava. Como se não bastassem as surpresas daquele dia, Harriet era alguém que o duque certamente não esperava ver. A filha mais velha de Armitage, esposa do conde de Saisson, vivia em Paris e passava alguns dias com o pai. Poder-se-ia compará-la a uma orquídea, tão exótico era seu aspecto ali, na Inglaterra, fora do lugar que lhe seria próprio.

Casada desde os dezoito anos, sua estada na França emprestara-lhe toda a pose, sofisticação e sedução das francesas, que o duque tanto admirara no passado. Nas atuais circunstâncias, porém, devido aos seus sentimentos por Helen, ele encarava as atitudes da condessa como simples subterfúgios para conquistar sua atenção. Podia adivinhar todos os movimentos que faria, todas as palavras que diria, enfim, todas as estratégias que usaria para atraí-lo. No entanto, ele estava mais propenso a falar sobre os cavalos de lorde Armitage, enquanto aguardava que Helen descesse. O duque reparou que a casa, além de muito grande, ostentava um luxo inigualável. Ele pudera contar seis criados só no saguão, e desejou que Helen não se sentisse intimidada diante de toda aquela pompa. Logo depois, ela entrou, vestida com muita elegância, mostrando que tirara bastante proveito da hospitalidade de Armitage. Usava um vestido azul, que combinava suavemente com seus olhos e com o tom pálido de sua pele, e os cabelos caíam-lhe soltos sobre os ombros.

— Vejo que conseguiu relaxar, lady Georgina — disse lorde Armitage.

— Sim, muito obrigada. Meu irmão e eu tivemos_f que cavalgar durante muito tempo, e eu não tinha roupas adequadas comigo!

— Tenho certeza de que nossos aborrecimentos acabaram — interrompeu o duque, com a intenção de chamar a atenção de Helen, de modo que ela lhe dirigisse o olhar, dividindo com ele seus segredos.

Mas, para sua surpresa, ela não o fez. Sentindo-se pouco à vontade com aquela situação, ele imaginou que ela ficara desapontada, ou talvez

aborrecida, por não ter sabido antes de sua verdadeira identidade.

Enquanto isso, lorde Armitage a apresentava a Harriet. O duque notou que ela inclinava negligentemente a cabeça para Helen, demonstrando certo aborrecimento pela presença de uma colegial em seu grupo...

— Tenho ouvido falar muito a seu respeito, duque — comentou a condessa em voz suave.

— Espero que tenha sido favoravelmente!

— É claro que sim! Até mesmo na França é considerado um herói, sobretudo após ter vencido o campeão francês de esgrima!

— Ora, mas isso foi há muito tempo!

— Mas ainda falam muito sobre isso, e também sobre você! Durante o almoço, a condessa continuou na mesma linha de comentários, fazendo tudo para conservar a atenção do duque sobre si e certificando-se de que ninguém mais o faria.

Quase ao final da refeição, lorde Armitage disse:

— Como eu não sabia a que horas deveria chegar, meu caro duque, organizei uma pequena recepção para esta noite, em sua honra. Há uma quantidade de pessoas querendo encontrá-lo!

— É muita gentileza de sua parte!

— Não é necessário dizer que todos são amantes de corridas — esclareceu, sorrindo, o anfitrião. — Portanto, o assunto será cavalos, cavalos e mais cavalos!

O duque sorriu também, lembrando-se de que sua idéia havia sido exatamente essa, quando decidira passar por ali. Mas, logo em seguida, pôde ouvir, em tom de voz baixo, como que endereçado somente aos seus ouvidos:

— Não, se depender de mim! Há muitas outras coisas mais interessantes sobre as quais quero lhe falar!

Não haveria momento pior para a condessa tentar suas investidas, e ele se sentiu extremamente irritado, embora tomasse o cuidado de não aparentá-lo. Conhecia detalhadamente os objetivos de toda aquela encenação, e cada vez mais preocupava-se com o que Helen estaria pensando.

Procurando não chamar a atenção, olhou para a outra ponta da mesa, tentando captar o olhar de Helen e entender o que se passava em seu coração, mas ela parecia fugir desse confronto, ora concentrando-se na comida, ora dando atenção a lorde Armitage.

Terminado o almoço, todos, com exceção de Harriet, se dirigiram para os

estábulos, para conhecer os maravilhosos cavalos de Armitage.

Durante a visita, embora não pudesse conversar com Helen, o duque percebeu, apreensivo, que havia uma barreira entre eles, e que aquela proximidade palpável que sentira durante o desjejum na fazenda não existia mais. Era como se ela estivesse escapando de suas mãos, e ele fosse perdê-la para sempre. Tentando recuperar a calma, que lhe era peculiar nos momentos difíceis, refletiu que estava sendo muito pessimista. Quando estivessem novamente a sós, no dia seguinte, procuraria explicar os motivos por que mudara de nome, e com certeza ela compreenderia que, para ele, era indiferente o modo pelo qual fosse chamado.— Mais tranqüilo com esses pensamentos, procurou se descontraír, resolvendo tirar de Armitage o máximo de informações sobre seu modo de criar os animais.

— Na verdade, tudo o que possuo teve início com meu pai, ou, para ser exato, com meu avô, que dedicou toda a sua vida à criação de cavalos — disse Armitage.

— Mas eu também soube que você é um excelente criador e conhece profundamente os animais.

— Naturalmente, eu me esforço muito para isso! Como sabe, não basta herdar uma criação desse porte; é preciso ter amor e um conhecimento razoável sobre cavalos. Tudo aqui dentro funciona sob minha supervisão, motivo pelo qual evito sair.

— Entendo...

— O administrador é pessoa de extrema confiança, mas, apesar disso, procuro nunca me ausentar por um período superior a uma semana, por exemplo.

— Você, nesse particular, pensa do mesmo modo que eu. Também prefiro acompanhar o dia-a-dia dos meus cavalos, o que, sem dúvida, evita grandes erros.

— Certamente! Além do mais, ficando sempre por perto e participando do treinamento deles, também posso manter-me em forma, o que considero meu ponto de honra. Afinal, de que adianta possuir animais belos e velozes, se somente os empregados têm o prazer de treiná-los?

— Tem razão. E quanto àqueles exemplares que vimos logo na entrada? São reproduções daqui mesmo?

— Não, eu os comprei de Buxworth. Se tivesse chegado a visitá-lo, veria que ele possui animais tão bons quanto os meus. Somos, na verdade, os

maiores criadores desta região.

Helen acompanhava com visível interesse cada palavra dita por Armitage, e demonstrava não somente dominar o assunto, como relacionar-se muito bem com o anfitrião. Com seu senso de observação, o duque percebera que o mesmo não se dera entre ela e Harriet, pois desde o início a condessa revelara desagrado pela vinda de sua suposta irmã, e é claro que Helen não deixara de observar as maneiras insinuantes da filha do lorde, o que afastara qualquer possibilidade de as duas virem a se entender.

— Vejo que aprecia, meus animais, lady Georgina — disse Armitage. — Não gostaria de experimentar algum deles?

— Muito me agradaria — respondeu ela, radiante. — Assim que me recuperar do cansaço da viagem, gostaria de montar um de seus garanhões e galopar um pouco pelas redondezas.

O duque, que aguardava um momento em que pudesse estar a sós com Helen, não perdeu aquela oportunidade, e imediatamente completou:

— Seu convite, Armitage, não poderia ter vindo em melhor ocasião. Na verdade, eu e minha irmã adorariíamos experimentar seus cavalos e conhecer um pouco de suas terras, que me parecem muito extensas.

— Posso garantir, meu caro duque, que farão um belo passeio, embora acredite que, em suas propriedades, também se possa desfrutar disso tudo, sem receio de decepções.

— Nesse caso, fica feito desde já o convite para você nos visitar, Armitage. Terei imenso prazer em contar com sua presença entre nós, e tenho certeza de que mamãe se sentirá honrada com sua ida a Gloucestershire.

— Eu jamais poderia recusar tal convite! Sobretudo pela oportunidade de reencontrar a duquesa, a quem não vejo há uns meses, desde o último grande prêmio, em Londres.

— Faremos uma reunião muito agradável, na ocasião! Helen, como previra o duque, se abster de comentários.

Era evidente que ela não se sentia mais à vontade para simular, com tanta espontaneidade, sua condição de irmã dele. Quando descobrira a real identidade do duque, alguma coisa a mais, além do simples desapontamento, havia acontecido com ela. O duque estava certo de que Helen não chegaria a concretizar aquele passeio a — cavalo, a fim de não ter que ficar a sós com ele, e supunha que, na verdade, ela se mostrara receptiva ao convite de Armitage com o fim único de lhe ser agradável e de evitar discussões.

Por alguns momentos, parecia-lhe impossível manter algum tipo de contato com ela, e o duque chegava a se desesperar, recriminando-se por não ter sabido contornar a situação em tempo.

Para maior infelicidade sua, ainda havia a condessa, que, com suas artimanhas, parecia disposta a fazer de tudo para mantê-lo junto dela.

Mas não era a primeira vez que se deparava com dificuldades quase intransponíveis à sua frente! Sem dúvida, ele encontraria um modo de vencer aqueles obstáculos e de alcançar Helen novamente.

CAPÍTULO VI

Depois da longa visita aos estábulos, Helen subiu para o quarto. Lorde Armitage encaminhou o duque à biblioteca, onde pretendia lhe mostrar os retratos de alguns belos exemplares de animais que haviam pertencido a seu avô. Apesar de muito interessado no assunto, o duque continuava ansioso por conversar com Helen, procurando um modo de, finalmente, poder estar a sós com ela.

À hora do chá, a refeição mais elaborada do dia, em que foi servida uma grande variedade de bolos, sanduíches e tortas, todos se sentaram à mesa, e, mais uma vez, ele não conseguiu atrair o olhar de Helen.

Era evidente que ela não estava preocupada em lhe dar atenção, e o duque não sabia mais o que fazer. Anunciar que precisava falar com sua irmã, além de ser uma atitude indelicada para com seu anfitrião, provocaria suspeitas na condessa, que insistiria em querer lhe falar sobre assuntos comuns a ambos, como Paris, por exemplo. Esforçando-se por fugir à insistência de Harriet e cada vez, mais irritado com toda aquela situação, ele se dirigiu a lorde Armitage:

— Lembrei-me de que devo imediatamente enviar uma carta ao marquês de Buxworth, desculpando-me por minha ausência... Imagino que ele tenha compreendido que isso só aconteceu em virtude da cerração.

— Buxworth deve estar desapontado por não tê-lo visto. Por outro lado, você perdeu a oportunidade de ver seus cavalos. Ele possui dois maravilhosos garanhões que eu próprio gostaria de ter nos meus estábulos, e éguas igualmente excepcionais.

— Realmente, é uma pena! Porém, minha irmã e eu partiremos amanhã cedo para o sul.

O comentário era mais uma tentativa de atingir Helen, mostrando-lhe que estava disposto a levá-la a Londres, como pretendia, mas, novamente, sentiu-se frustrado com seu silêncio, e Armitage continuou:

— Se quiser, providenciarei para que um criado leve sua carta a Buxworth. Pelo campo, são somente sete milhas, ao passo que, pela estrada, a distância é três vezes maior.

— É muita gentileza sua! — respondeu, felicitando-se por ter conseguido

o que queria. — E, se não se importa, gostaria de escrever a carta agora mesmo.

— Mas claro! Esteja à vontade! Em meu escritório há uma escrivaninha onde encontrará tudo o que necessitar.

— Seria bom você vir comigo e juntar suas desculpas às minhas — disse ele, dirigindo-se a Helen.

Com relutância, ela se levantou e o seguiu, juntamente com lorde Armitage. Deixando o saguão, atravessaram uma grande sala em cujas paredes, repletas de livros, havia também dois quadros de George Stubbs.

Como o duque os elogiasse, Armitage entrou em grandes explicações sobre como os comprara barato de um vendedor que desconhecia o seu valor, e revelando que um dos quadros retratava um cavalo de seu bisavô, vencedor do *derby*.

Enquanto isso, o duque não perdia Helen de vista. Distraída, ela se afastara um pouco e folheava um livro, completamente alheia à sua presença.

Por fim, Armitage os deixou, dizendo:

— Assim que tiverem terminado, ordenarei ao criado que parta. Se o fizer logo, ele poderá voltar antes que escureça.

— Muito obrigado! Sinto muito incomodá-lo.

— Não me incomoda em absoluto, meu caro duque! Estou contente de que a cerração não o tenha impedido de estar aqui hoje.

Assim que ele saiu, o duque olhou para Helen, que estava de costas.

— Está difícil falar com você nesta casa!

Sem nada dizer, ela guardou o livro na estante e atravessou a sala, em sua direção. Notando-lhe uma expressão enigmática no rosto, ele se apressou em dizer:

— Não fique aborrecida! Está tudo bem! Partiremos bem cedo, pela manhã, e iremos para onde você quiser.

Quando ela fez menção de dizer alguma coisa, a porta do estúdio se abriu e a condessa entrou:

— Está levando muito tempo para escrever esse bilhete. A menos, é claro, que contenha expressões de amor!

Esbanjando elegância, ela se dirigiu à escrivaninha, acrescentando :

— Tenho uma coisa muito importante para mostrar-lhe na galeria de arte. É um desperdício de tempo demorar-se aqui.

— Não estou desperdiçando tempo. Seu pai estava comigo até agora e,

por isso, nem pude começar a carta ainda.

Sentando-se na cadeira, ele pegou uma folha de papel e disse:

— Voltarei para a sala de estar mais tarde, condessa. Então, poderá me mostrar os quadros que deseja. Mas, no momento, devo ser gentil e cumprir meu dever.

Apesar de ele ter deixado bem claro que não queria sua presença ali, Harriet limitou-se a sorrir, comentando:

— Dever é uma palavra estranha! Mostrarei a você como se escreve uma carta de amor!

Ele não esperava por essa investida, muito menos na frente de Helen, que imediatamente se levantou. Para surpresa do duque, ela deixou a sala.

— Espere, Helen! Preciso de sua ajuda! — pediu ele, inutilmente.

Escreveu rapidamente a carta, ouvindo, cada vez mais irritado, as provocações da condessa, e deixou a sala assim que a concluiu, procurando pelo mordomo, que já aguardava a correspondência.

Sempre seguido por Harriet, ele voltou à sala de estar, onde Helen não estava mais. Provavelmente, ela subira para seu quarto, e, procurando não ofender a condessa, o duque resolveu deixar o entendimento para depois do jantar.

Mais tarde, enquanto mudava de roupa para o jantar, ele reconheceu que, de fato, havia sido um grande erro ter trazido Helen àquela casa, e decidiu que, se quisesse mantê-la junto a si, deveria levá-la de imediato à casa de sua mãe.

Por outro lado, ainda não compreendia por que a revelação de seu nome havia mudado tanto as coisas, provocando um comportamento tão estranho em Helen.

Enquanto pensava, seu próprio criado, já no quarto, o olhava silencioso, como quem aguarda ordens.

— Hanson deve ter-lhe contado que essa jovem, embora todos pensem o contrário, não é minha irmã. E ninguém deve ter qualquer suspeita a esse respeito.

— Fique tranqüilo, milorde! Seguiremos suas ordens e ninguém saberá disso.

O duque suspirou, aliviado, embora continuasse a se reprovar por ter trazido Helen para aquela casa. Mesmo que Armitage não desconfiasse de nada, haveria repercussões em que ele não pensara, e, portanto, eles

deveriam partir o quanto antes.

Seus pensamentos foram interrompidos pelo som de uma batida na porta. O criado adiantou-se para abri-la, e durante algum tempo ficou a conversar com um criado de lorde Armitage.

Finalmente voltou, dizendo:

— Pedem que lhe comunique, milorde, que lady Georgina manda avisá-lo de que está com dor de cabeça. Quer que se desculpe por ela com os donos da casa por sua ausência ao jantar.

— Dor de cabeça? — repetiu ele, decidindo ir vê-la.

Era preciso conversar com Helen e saber, de uma vez por todas, o que a aborrecia. Além do mais, não havia motivo que o impedisse de ir ao quarto de sua irmã.

Mandou o criado entender-se com a ama que estava cuidando de Helen, enquanto terminava de se vestir rapidamente.

Ao se dirigir à escadaria, refletiu que talvez devesse partir logo depois do jantar. Mas desistiu da idéia, reconhecendo que seria loucura sair à noite, com os cavalos cansados, num lugar-que desconhecia.

Do lado de fora do quarto de Helen, uma senhora, provavelmente a ama, o aguardava:

— Parece, milorde, que pretende conversar com lady Georgina ...

— Sim!

— Ela está tomando banho neste momento, e manda dizer que agradeceria se viesse dizer-lhe boa-noite mais tarde.

Mesmo não parecendo uma mulher muito esperta, ela se surpreendeu com a reação do duque e o seu sorriso tímido, ao dizer:

— Diga-lhe que virei!

Ele desceu as escadas, ainda nutrindo a esperança de que, uma vez a sós, tudo ficasse bem novamente. Pela primeira vez, ocorreu-lhe que, residindo naquela região, provavelmente ela temia ser reconhecida por algum dos convidados de lorde Armitage, e que, em função disso, julgara ser mais prudente arranjar uma desculpa para não comparecer ao jantar.

Era imperdoável que tal idéia não tivesse passado-antes por sua cabeça! Só podia atribuir isto ao fato de estar apaixonado; sem dúvida, essa situação nova perturbava seu senso de organização e de prudência.

A recepção, para sua alegria, foi exatamente o que imaginara, e a maioria dos convidados era constituída de homens interessados em tudo que se

relacionasse a cavalos.

Entre eles, a condessa brilhava como um diamante, e o duque pensou que também na rigidez ela se parecia com esse mineral, provocando olhares de cobiça nos homens e de ódio nas mulheres.

Sem tomar conhecimento do fato de ser ele a personagem principal da festa, uma vez que fora oferecida em sua honra, Harriet fez de tudo para impedir que qualquer outro convidado lhe dirigisse a palavra, deixando-o distante das conversas durante a maior parte do tempo.

O duque já estava se cansando de toda aquela insistência, e, num determinado momento, conseguiu livrar-se da condessa, juntando-se aos demais homens que discutiam animadamente sobre corridas. Permaneceu ali por mais de meia hora, até que as mulheres começaram a se mostrar preocupadas com o adiantado da hora, e alguns casais iniciaram as despedidas.

Embora ainda não fosse meia-noite, o fato de a festa terminar cedo lhe agradou muito, pois ainda queria conversar com Helen.

Parecia-lhe que as horas não passavam, e foi com alívio que viu lorde Armitage sair para acompanhar os últimos convidados.

Mas a condessa ainda estava lá, e, chegando bem próximo dele, falou em voz tão baixa que somente ele poderia escutar:

— Foi impossível conversar com você como eu gostaria, com todas estas pessoas em volta. Meu quarto fica do outro lado do corredor.

A insinuação daquelas palavras, bem como o estranho brilho de seus olhos, não davam margem a dúvida quanto às suas verdadeiras intenções. No passado, essa atitude lhe agradaria muito, mas, naquele contexto, era não só desagradável como preocupante. Sua recusa talvez pudesse provocar a ira da condessa e, nesse aspecto, era preciso muito cuidado, para que não se voltasse contra Helen, caso viesse a descobrir sua identidade.

Aliás, não era possível sequer tentar comparar as duas mulheres em questão; tudo favorecia a Helen, até mesmo o suave perfume que anunciava sua presença e que ele não conseguira reconhecer ainda.

Enquanto pensava num modo de esquivar-se elegantemente do convite da condessa, Armitage retornou à sala de estar:

— Espero que tenha apreciado a festa. E agora, vamos brindar a esta noite!

O duque recusou a bebida, e enquanto Armitage se servia, ensaiou uma

explicação que tinha endereço certo:

— Depois de todos os problemas que tivemos na viagem, passei a noite num colchão muito duro e desconfortável, e estou cansado demais. Antes de me retirar, porém, desejo agradecer-lhe pelo dia agradável que me proporcionou.

Sorrindo, ele beijou a mão da filha do lorde: — Boa noite, condessa! Talvez nos encontremos novamente em Londres, quando eu não me sentir tão fatigado! — E sai não sem antes perceber a expressão de frustração e raiva e seus olhos.

Subiu rapidamente as escadas, desejando que Harriet jamais tomasse conhecimento de seu destino naquele momento, pois dirigia-se ao quarto de Helen.

Para a condessa, a irmã do duque não passava de uma colegial, e era importante que assim continuasse pensando. Mas ele sempre temia a sensibilidade que uma mulher era capaz de desenvolver, quando se tratava de outra mulher em seu caminho.

Alcançando a porta, bateu levemente e entrou.

Como esperava, Helen já estava na cama, e havia uma vela fraca a um canto.

Aproximando-se do leito, constatou que ela já dormia, na mesma posição em que o fizera na noite anterior, quando estavam juntos. Ali, entretanto, sua cabeça pousava sobre um alvo travesseiro, seus cabelos caíam, livres, sobre o lençol, e, emoldurada pelas cortinas de renda que pendiam do alto da cama, ela assemelhava-se a uma princesa de um conto de fadas.

Durante algum tempo, ele permaneceu admirando-a, sem saber qual seria sua reação, desejando acordá-la com um beijo. Mas compreendeu que seu sono era proveniente do cansaço de uma noite sem dormir, após um dia de muita ansiedade e medo.

“Devo deixá-la descansar. Amanhã, finalmente, estaremos a sós e poderei dizer-lhe que a amo”, pensou, enquanto se debruçava delicadamente sobre seu corpo, beijando seus cabelos com carinho e desejo e sentindo novamente aquele perfume suave.

— Você é minha! E eu a adorarei e a amarei pelo resto de minha vida! — disse baixinho, apagando a luz bruxuleante da vela e deixando o quarto silenciosamente.

Durante muito tempo, o duque permaneceu acordado, na cama,

pensando em Helen e em como se sentia afortunado por tê-la conhecido.

Jamais poderia imaginar que uma simples cerração fosse mudar tanto sua vida, nem que ele fosse capaz de sentir um amor tão puro e verdadeiro por uma mulher.

Quando, enfim, conseguiu adormecer, sonhou que perseguia Helen pelo forro, sem no entanto conseguir alcançá-la. Depois, viu-a fugir, num cavalo extremamente rápido.

Foi acordado por seu criado de quarto, que puxava as cortinas:

— Oito horas, milorde!

— Oito horas?! Preciso levantar-me e partir antes das nove!

— Hanson pediu-me que o avisasse que deixou a carruagem preparada e que está tudo bem.

O duque sorriu ao saber que Hanson seguira suas instruções. Ele pedira que o criado fosse durante a noite buscar a carruagem, certo de que Daltry já teria desaparecido do cenário e partido para Londres, protegido pela falta de provas, que impediria o duque de tomar uma atitude legal contra eles.

A essa hora, também os cavalos estariam descansados e em condições de empreender nova jornada. Tudo ia muito bem, e o duque se banhou, vestiu roupas limpas e, finalmente, calçou as botas, que reluziam como espelhos.

— Onde poderemos encontrá-lo esta noite, milorde? — perguntou o criado, desejando saber as ordens do dia.

— Ainda não me decidi; deve aguardar minha conversa com lady Georgina.

— Pensei que soubesse que lady Georgina partiu!

— Partiu?! — repetiu Ervan, incrédulo.

— Ainda era muito cedo quando a criada de lady Georgina me procurou, informando que ela se dirigira aos estábulos, vestida em roupas de equitação que tomou emprestadas.

Percebendo o estado emocional do duque, que, perplexo, nada dizia, o criado continuou, nervoso:

— A criada estranhou, milorde. Mas eu aleguei que deveria tratar-se de um plano discutido entre lady Georgina e o senhor, ontem à noite.

Os lábios do duque estavam cerrados e ele se sentia confuso e sem ação. Não conseguia compreender o que acontecia, e ao mesmo tempo desejava, desesperadamente, poder fazer alguma coisa.

— Vá procurar a criada de lady Georgina! Pergunte-lhe se ela não deixou

um bilhete!

O criado saiu como um raio, deixando o duque entregue às suas divagações.

“Como ela pôde fazer isso comigo? E por quê?”, perguntava-se, atônito, andando de um lado para outro.

Parecia que a ausência de Helen aumentava ainda mais seu amor, e ele estava decidido a sair à sua procura. Precisava, no entanto, acalmar-se, pois era muito importante que toda aquela situação permanecesse em absoluto segredo, longe sobretudo dos ouvidos de Armitage.

Depois de alguns momentos, que lhe pareceram intermináveis, o criado voltou:

— A criada estava muito confusa, e somente quando lhe perguntei sobre alguma mensagem teve idéia de procurar; encontrou este bilhete no toucador.

Sem perder tempo, o duque tirou-lhe o papel da mão e dirigiu-se para a janela, abrindo-o e reconhecendo o brasão de Armitage na parte superior.

A caligrafia de Helen era compatível com o que imaginara: sua letra era bonita, clara. E, apesar de seus sentimentos confusos naquele momento, ele conseguiu ler:

“Resolvi, finalmente, seguir seu conselho, e estou voltando para casa. Você estava certo, não posso ficar em Londres sem alguém que me proteja. Eu desconhecia que coisas tão estranhas acontecessem no mundo, além de minha casa. Só posso agradecer-lhe por ter sido tão atencioso comigo e por todas as coisas maravilhosas que disse sobre meus desenhos. Continuarei a fazê-los, mesmo sabendo que não haverá ninguém para valorizá-los.

Talvez um dia, quando tiver terminado algum quadro que possa agradar-lhe, pedirei que o aceite, da parte de alguém que ficou muito grata por conhecê-lo.

Helen.”

Ao lado da assinatura havia dois pequenos desenhos, fácil mente reconhecíveis: um cavalo velho, muito simpático, descrevendo Armitage; e uma cobra com o rosto exato da condessa, que provocou risos no duque. Ele releu a carta várias vezes, procurando alguma coisa implícita naquelas palavras, desesperado e certo de haver perdido Helen para sempre. De repente, percebeu que poderia ter um fio de esperança. Sua experiência com

as mulheres mostrara-lhe que, ao desenhar a condessa como uma cobra, com seu corpo sinuoso e sedutor, Helen, na verdade, revelava ciúme! Somente um sentimento muito feminino poderia fazê-la traçar o rosto daquela mulher com tanta sensibilidade, mostrando com clareza não só a sua beleza e sofisticação, mas também todo o perigo que representava.

Desse modo, o desenho de Helen acabara demonstrando que ela não o via como irmão, mas como homem. E era exatamente isso o que ele precisava saber!

O duque dobrou o papel, guardou-o no envelope e colocou-o no bolso do casaco. De pé, junto à janela, ficou um longo tempo meditando e analisando todos os acontecimentos. O criado, ainda um pouco nervoso, aguardava suas ordens. Subitamente, como quem chegou a alguma conclusão, o duque falou:

— Vou descer para o desjejum. Leve toda a bagagem para baixo e diga a Hanson que esteja com tudo pronto para partirmos dentro de meia hora.

— Muito bem, milorde. E quanto à carruagem?

— Também deve estar pronta, e seguirá atrás.

— Pois não, milorde.

Em seguida, o duque desceu a escada e encaminhou-se à sala do desjejum, onde, como esperava, não havia sinal da condessa.

— Bom dia! — cumprimentou Armitage. — Vi sua irmã partir pela manhã, bem cedo, levando um dos meus cavalos emprestado!

— Devo desculpar-me se foi uma inconveniência.

— De modo algum! Imagino que esteja em algum lugar, na vizinhança, pois ela prometeu que o cavalo estaria aqui ainda hoje, talvez à tarde.

Era exatamente isso o que desejava ouvir. Mantendo o ar indiferente, Ervan caminhou até o canto da sala, onde havia um longo balcão com talheres de prata. Como era hábito naquela região, serviu-se do desjejum sem o auxílio do criado, e, ao voltar para a mesa, comentou casualmente:

— Há por aqui algum Calvert que se dedique à criação de cavalos?

— Calvert? Calvert? Parece-me já ter ouvido esse nome antes...

Logo depois, porém, o lorde balançou a cabeça negativamente:

— Não, não consigo me lembrar de nenhum Calvert ligado ao negócio de cavalos. E olhe que conheço todo mundo no condado que lida com isso!

— Bem, talvez eu esteja enganado... Quem sabe não se trata de algum fazendeiro obscuro?

— Não em minhas terras, acho eu. De qualquer forma, como possuo cinco mil acres, é impossível lembrar-me do nome de todos eles!

— Sua propriedade é muito grande!

— E ainda pretendo aumentá-la! Somente Buxworth, que tem sete mil, me supera; juntos, somos os maiores da região!

E completou, com uma risada:

— Os outros bem que gostariam de nos acompanhar, mas, por enquanto, estamos sozinhos, à frente.

— Já que não há ninguém com esse nome em suas terras, haveria nas de Buxworth?

— Bem, talvez, mas não posso falar por ele. Como disse, o nome não me é estranho... A esposa de Buxworth era uma Calvert; faleceu há pouco mais de um ano, e creio que ele morreu um pouco com ela.

— Tem certeza de que é esse nome, Calvert?

— Sim, estou certo disso. Ela era uma mulher muito atraente e elegante; não me admira que Buxworth sinta sua falta. Ao mesmo tempo, isso o tornou mais obstinado e teimoso do que nunca!

— É mesmo?

— Oh, sim! Mas ele está bem, a seu modo. Mesmo assim, acredito que seja difícil conviver com ele. Só ouve suas próprias idéias!

— Ele tem filhos?

— Um filho no Exército. Bom rapaz e excelente cavaleiro. Está no estrangeiro há três anos, mais ou menos.

— Nenhum filho mais?

— Deixe-me ver... Penso que há uma jovem. Sim, lembro-me agora de tê-la visto à distância, durante os funerais.

O duque nada comentou e tomou rapidamente o café.

— Bem, Armitage, se me perdoa, preciso seguir meu caminho!

— Pois não! Foi um prazer imenso recebê-lo aqui!

— Estarei aguardando sua visita em Gloucestershire. Admirei muitíssimo os seus cavalos. Espero que aprecie os meus.

— Sem dúvida! Por sinal, deve ir se preparando, pois pretendo batê-lo em algumas corridas de obstáculos neste outono!

— Vamos ver! — disse o duque, rindo, enquanto se apressava em subir na carruagem que o aguardava.

Hanson postou-se a seu lado, tomando as rédeas, e eles seguiram

rapidamente, acompanhados pelo carro com as bagagens.

— Para onde vamos, milorde? — perguntou o criado, quando haviam acabado de cruzar os portões.

Com um sorriso nos lábios, apesar do olhar de ansiedade, o duque respondeu:

— Para a casa do marquês de Buxworth! E rápido! Enquanto o criado imprimia maior velocidade à carruagem, o duque lembrava-se da observação de Armitage de que, pela estrada, a distância até a casa do marquês era três vezes maior que pelo campo. Para quem estava apressado e não tinha tempo a perder, teria sido mais aconselhável seguir a cavalo; mas que desculpa daria a lorde Armitage?

Não havia outra alternativa senão correrem muito, e tentar chegar o quanto antes a seu destino.

— Vamos tomar a estrada principal, nada de atalhos! Não podemos nos arriscar a qualquer tipo de acidente!

Hanson obedeceu, embora não pudesse entender com clareza o que se passava e qual o motivo de tanta pressa. Provavelmente, a solução estaria com a senhorita, que partira inesperadamente.

O duque, por sua vez, não tinha outro pensamento senão o de encontrar Helen. Todos aqueles pontos que juntara, como uma colcha de retalhos, pareciam ter sentido e se completaram. E se tudo não passasse de um grande engano? E se tivesse havido confusão nas informações do lorde, ou mesmo nas observações que Helen lhe fizera?

Todas essas questões o atormentavam profundamente, e, pela primeira vez na vida, sentia-se confuso, perdido, sem conseguir raciocinar. “Minha querida! Como pôde me abandonar num momento tão difícil para mim? Perdoe-me, mas o desconhecido dessa nova sensação, de estar apaixonado, deixou-me confuso e me tirou a objetividade. Agora que sei o que é amar, jamais permitirei que se vá. Hei de encontrá-la, esteja onde estiver!”.

Sabia, a partir do momento em que descobrira seu amor por Helen, que sua vida mudaria radicalmente e que não poderia mais viver sem ela. E, como se não bastassem os momentos difíceis por que passara nos últimos dias, o destino lhe impunha mais uma prova, como que testando sua determinação. Mas tentaria superá-la com todo o empenho, pois, neste caso, o desejo de vencer era muito maior do que o de todas as dificuldades que enfrentara até então. Procurando desviar as incertezas que pairavam em sua

mente, durante o caminho, o duque ia se lembrando de todos os momentos que passara com Helen.

Primeiro, fora a acolhida providencial em seu quarto e a viagem à mina, quando ele ficara agradavelmente surpreso com sua cultura e seu conhecimento de cavalos. Depois, toda aquela tensão na mina e sua capacidade de enfrentar situações difíceis, sempre de bom humor, embora assustada. Sem ela, dificilmente teria escapado de Daltry, mesmo se estivesse só. Afinal, eram três contra ele, e não teria sido nada fácil vencer a determinação de um homem que queria enriquecer da noite para o dia às custas dos outros. Não conseguia entender, no entanto, por que ela se ressentira tanto ao saber seu nome verdadeiro. Afinal, ela mesma não havia se identificado corretamente, e somente este dado já deveria ter sido suficiente para que ela o desculpasse.

Sem dúvida, deveria haver alguma coisa além disso, e ele estava determinado a descobrir o que era.

“Seja ela quem for, estou convencido de que deve ser minha, e não a deixarei escapar, nem que tenha que revirar o mundo à sua procura!”, pensou, lembrando-se de uma conversa que tivera com sua mãe, sobre o amor e as atitudes de quem está apaixonado:

— No dia em que achar a mulher ideal, você notará que vai perder toda a sua frieza com as mulheres. Sentirá como se houvesse outra pessoa comandando-o, decidindo por você.

— Nesse caso, acho difícil mesmo que venha a me apaixonar algum dia — respondera ele. — Não posso me imaginar confuso, sem rumo, perdendo a cabeça por uma mulher!

Como o tempo provara que sua mãe estava certa! Naquele momento, se um amigo o encontrasse, jamais poderia reconhecê-lo, e julgaria que, sem dúvida, algo muito anormal havia acontecido.

Era, naturalmente uma situação nova, que ele não sabia ainda como enfrentar. Seguia pela estrada por mera intuição, cego de dor pela perda, ainda que temporária, como queria acreditar, da mulher que amava, a única por quem se apaixonara de verdade. Compreendia, finalmente, as palavras de sua mãe, mesmo aquelas que, na ocasião, julgara exageradas. Na verdade, uma pessoa apaixonada era capaz de grandes feitos e de atitudes infantis, como se a censura interior estivesse ausente da mente dos apaixonados, e o mundo se transformasse em um imenso paraíso.

“Se eu soubesse que a visita à casa do Armitage criaria tanto embaraço a você, minha querida, jamais teria sequer passado perto daqui!

“Mas, assim que a encontrar, seja você quem for, eu a pedirei em casamento, sem perda de tempo, e lhe falarei dos meus sentimentos mais puros, e dos meus ideais, que devem ser iguais aos seus.” A carruagem voava pela estrada. E, dentro dela, ia um jovem apaixonado, desesperado por ter perdido temporariamente o rumo de sua vida...

CAPÍTULO VII

Lembrando as indicações de lorde Armitage, o duque conseguiu achar, sem perguntar a ninguém, o caminho para a casa do marquês de Buxworth.

Quando entrou por uma estrada ladeada de alamos, avistou uma casa grande e, de certo modo, pretensiosa, que ele nunca desejaria para si.

No entanto, havia apreciado os numerosos cavalos que vira no prado e reconheceu que, mesmo à distância, estavam muito bem cuidados e fariam o orgulho de qualquer proprietário. No momento, porém, Ervan não pensava no marquês, mas rezava para que as conclusões a que conseguira chegar estivessem corretas.

Durante o caminho, ele jogara com peças de um quebra-cabeça, fragmentos de informações que a própria Helen lhe dera sem perceber, e que respondiam a parte de seu problema. O fato de tê-la perdido parecia aumentar sua necessidade de vê-la. Sentia-se queimando como se tivesse febre, um sentimento que nunca experimentara antes e que lhe trazia tanto prazer quanto sofrimento. No passado, sempre vira o amor como algo isolado de outras atividades, e, embora gostasse da companhia feminina, preferia em qualquer ocasião viajar sozinho. Sua vida dividia-se entre os clubes e as corridas de cavalos, deixando os casos de amor em posição bastante secundária. Com Helen, entretanto, tudo era diferente. Além da atração física, desejava que ela participasse totalmente de sua vida. Sentia vontade de conversar com ela sobre todos os assuntos que lhe viessem à mente, e já pudera perceber que ela gostava de novos horizontes e tinha uma curiosidade intelectual tão grande como a sua.

Estranhamente, ela o completava como pessoa, e somente naquele momento Ervan compreendia o que deveriam sentir seus pais quando estavam juntos. E, acreditando que isso só podia acontecer a uma pessoa em um milhão, sentia-se afortunado o bastante para ser um dos privilegiados desse rol.

Com uma ansiedade incontida, ele deixou a carruagem sob um abrigo e galgou os poucos degraus que o separavam da porta.

Como se já fosse esperado, esta se abriu, e um criado, com ar surpreso, recebeu-o.

— Quero falar com lady Helen! — disse o duque, sentindo-se como um jogador que lançava sua última cartada, consciente de que, se não a encontrasse ali, não teria a mínima idéia de onde procurá-la.

Após um tempo de hesitação, o criado respondeu:

— Lady Helen está na sala de música, milorde. Eu a avisarei de sua chegada.

— Não, não faça isso! Leve-me até ela.

Dando de ombros, o criado tomou a frente, guiando-o por uma passagem escura, onde o duque pôde apreciar móveis finos e um ou outro quadro que gostaria de possuir.

Após atravessarem vários compartimentos, o criado parou junto a uma grande porta e virou-se para o duque, perguntando:

— A quem devo anunciar, milorde?

— Eu mesmo me anunciarei.

O criado franziu as sobrancelhas, desconfiado, mas concordou, colocando-se de lado e dando-lhe passagem. Enquanto entrava, o duque pensava com prazer que, além de tantas qualidades, Helen era uma amante da música.

Mas logo entendeu o motivo de ela estar naquela sala. Sentada junto à janela, voltada para a luz que vinha do norte, ela segurava uma prancha de desenho nas mãos.

Fechou a porta, e, percebendo sua total concentração no trabalho, chegou perto o suficiente para ver que Helen desenhava seu retrato, não uma caricatura, mas seu perfil inconfundível.

Por alguns momentos, Ervan ficou a olhá-la, admirando seus cabelos soltos sobre os ombros e achando-a muito atraente.

De repente, porém, a jovem parou de trabalhar e virou-se. Sem fazer nenhum movimento, fitou-o incrédula:

— Por que está aqui? Que aconteceu? Como me encontrou?

As perguntas se sobrepunham umas às outras, e Helen o olhava assustada, como se visse nele um fantasma.

— Vim pedir que me ajude, Helen.

— Ajudá-lo? Que aconteceu?

— Algo muito sério!

— Você não quer dizer que corre perigo? — perguntou, deixando a palheta de lado.

— Encontro-me numa situação em que a única pessoa que pode me ajudar é você.

— Mas não entendo. O capitão Daltry o ameaçou? Acha que ele pode ser perigoso?

Era visível sua emoção, e também o medo estampado em seus olhos.

— Não foi o capitão Daltry quem me aborreceu.

— Não? Mas, então, quem foi? Por que me procurou?

— Responderei a todas as suas perguntas daqui a pouco. Primeiro, quero sua promessa, sua palavra de honra, Helen, de que me ajudará.

Ela olhou para a porta, temendo que seu pai ou outra pessoa entrasse, e disse:

— Era difícil me encontrar e você não devia estar aqui...

— No entanto, estou aqui! Prometa, Helen, que me ajudará; sem isso não poderei ser salvo!

— Eu não consigo entender. Você sabe que farei qualquer coisa que me pedir.

— Jura? — perguntou, estendendo a mão a Helen, que, sem hesitar, colocou a sua sobre a dele.

— Juro!

— Obrigado! Agora, conte-me, por que fugiu daquela maneira tão infantil? Como pôde fazer algo tão abominável, depois de tudo o que passamos juntos?

— Eu tinha que ir! — respondeu, enrubescendo.

— Por quê?

— Você mesmo me mandou para casa.

— Mas você não me disse onde era sua casa!

Ela nada respondeu e ficou olhando para longe, evitando um confronto direto com o duque.

— Queria me deixar, Helen? — perguntou ele, controlando-se para não abraçá-la.

— Não. mas eu tinha que... Eu estava com medo de ir só para Londres.

— Eu disse que a levaria.

— Não podia permitir que o fizesse!

— Por que não? O que a fez mudar de idéia? Você já havia decidido ir comigo, quando chegamos à casa de Armitage.

Como percebesse que Helen parecia não ter coragem de dizer a verdade,

ele mesmo continuou:

— Estou quase certo de que mudou de idéia quando soube meu verdadeiro nome!

— Você devia ter-me contado quando nos encontramos pela primeira vez.

— Por quê? E quanto a você? Também usou um nome que não era seu, mas de sua mãe!

— Como soube disso? — perguntou, surpresa.

— Quando descobri que havia partido, procurei todas as pistas que me pudessem trazer até você. O próprio Armitage lembrou-se de que Calvert era o sobrenome de sua mãe.

— Foi tolice minha não escolher alguma coisa como Brown, Smith, ou outro nome comum.

— Você não queria me ver nunca mais?

— Pensei que estava apenas sendo delicado comigo. Eu ia acabar me tornando um peso para você!

— Isso foi verdadeiro apenas em relação à primeira noite, na estalagem, mas julguei que, depois de tudo o que sofremos nas mãos da “Raposa”, do “Gambá” e do “Orangotango”, e depois de dormir uma noite em meus braços, nosso relacionamento tivesse ficado diferente.

Ela enrubesceu diante de suas palavras, e o duque, pela primeira vez, percebeu que podia ter alguma esperança quanto aos sentimentos de Helen.

Inesperadamente, ele perguntou o que tanto o havia intrigado:

— Que perfume usa?

— Perfume?

Confusa com a pergunta, ela o fitou diretamente nos olhos.

— Meu perfume?

— Estou tentando descobrir desde que o senti.

— É lilás branco. Minha mãe ensinou-me como destilá-lo, e costumávamos fazê-lo juntas. Esta foi a primeira vez que o fiz sozinha.

— Combina com você — disse ele, lembrando-se de que, de fato, sempre a vira como a personificação da pureza. — Sua essência me enfeitiçou, tanto quanto você, e gostaria de saber o que pretende fazer agora.

Ela estremeceu ligeiramente diante dessas palavras, e depois disse rapidamente:

— Você me pediu que o ajudasse. Por favor embora eu o queira não

gostaria que papai soubesse que está aqui.

— Seu pai estava me aguardando, como sabe, algumas noites atrás. De modo que não acredito que se recuse a receber-me agora, apesar de ter chegado um pouco atrasado.

As palavras ficaram presas em sua garganta, e, não querendo permanecer junto a ele, Helen chegou até a janela, olhando em direção ao jardim.

— Por que está preocupada com minha visita? — perguntou ele, aproximando-se.

Após um longo intervalo de espera, ela disse:

— Não quero contar-lhe!

— Por quê?

— Porque...

Sua voz sumiu novamente, e o duque percebeu que seria difícil ouvir o que queria saber. Depois de uma pausa, ela se virou e suplicou:

— Por favor, vá embora e esqueça-me! Você é muito gentil, mas eu não pertenço a seu mundo... Você tem a condessa Sou apenas alguém que entrou em sua vida durante uma cerração...

— Acha mesmo que tudo o que aconteceu na estalagem, na noite em que ficamos juntos na água-furtada, nossa fuga posterior, são coisas que poderemos esquecer?

— Você tem tantas... outras coisas em sua vida...

— Agora tenho algo mais importante e vital do que qualquer riqueza.

— O que é?

A pergunta foi feita automaticamente, mas o duque não deixou a oportunidade escapar:

— O amor!

Assustada com o que acabara de ouvir, ela apenas pôde dizer:

— Não sei... o que.... está querendo insinuar.

— Eu acho que sabe. Olhe para mim, Helen! Vagarosamente, ela se voltou, e Ervan conseguiu perceber aquilo que desejava em seu olhar.

— Pensei que, com todo o seu instinto e sua percepção, você havia percebido que a amo.

— Não pode ser verdade! — disse ela, tentando se convencer de que não estava sonhando.

— Eu a amo!

Bem devagar, ele baixou a cabeça e tocou, delicadamente, seus lábios nos dela. Então, sentindo seu calor e sua doçura, estreitou-a nos braços, enquanto seus beijos se tornavam mais insistentes.

Helen sentia a vida voltando, depois de ter pensado que seu mundo fosse desabar, quando decidira deixar a casa de lorde Armitage, fugindo da angústia que a invadira.

Havia passado grande parte da noite acordada, à espera de que o duque viesse vê-la. Quando percebera, pelo adiantado da hora, que ele não viria mais, havia imaginado que, na certa, a condessa, bela e sofisticada, o prendera.

Somente naquele momento, Helen percebera que o amava; amava seu rosto, seus olhos, o desenho dos seus lábios...

Sem dúvida, sua total inexperiência com sentimentos desse tipo a impedira de ter reconhecido antes que o amava. Era uma estranha alegria estar com ele, mesmo nos momentos mais difíceis.,

Lembrava-se de que sentira seu coração bater mais forte, ao vê-lo pela abertura no forro. Feliz por estar de volta e encontrá-lo bem, quase se atirara em seus braços, desejando, secretamente, ficar bem junto de seu corpo.

E, quando o duque a fizera deitar a seu lado, para conservá-la aquecida, sentira-se feliz e segura em seus braços!

Com a morte de sua mãe, ela passara a experimentar a solidão de viver com a amargura do marquês, que havia se tornado um homem infeliz e egoísta, esquecida dos seus sentimentos e desejos de estudar e crescer. Ela chegara ao ponto até de começar a achar ridículos seus quadros, tantas eram as críticas de seu pai, e tantas as recomendações de que deveria ocupar seu tempo com algo mais útil.

Ela permanecia isolada de tudo e de todos, sem ter ninguém com quem conversar, senão os criados da casa. Para agravar essa situação, como estavam de luto recente, ninguém vinha visitá-los, a não ser homens interessados na compra de cavalos.

Rodava pela casa, passando por quartos e salas vazios, sentindo, mais do que nunca, a falta de sua mãe. Como não tinha mais que dezoito anos, também não lhe era permitido aceitar convites de ninguém de sua idade.

Mas, depois, quando conhecera o duque e percebera que ele era gentil, atraente e diferente de tudo o que pudera imaginar, ela despertara para a vida, com um novo ânimo para enfrentar os obstáculos.

Entretanto, a condessa entrara em cena, conversando com ele provocativamente e tentando seduzi-lo. Helen logo imaginara que o duque estivesse fascinado por sua beleza, e sentira-se como um peso, como se o obrigasse a zelar por ela.

Na noite anterior, quando ficara em seus aposentos, preocupada com a possibilidade de ser reconhecida por algum dos convidados de lorde Armitage, o rosto da condessa não lhe saíra da mente. Podia vê-la seduzindo o duque, seus dedos, de unhas longas, acariciando-o, e seus lábios sensuais beijando-o. Na certa, este teria sido o motivo pelo qual ele não viera lhe dizer boa-noite, como esperava. Provavelmente, estaria em seu quarto, beijando-a e dizendo a ela palavras de amor.

Naquele momento, decidira que havia chegado a hora de pôr fim àquela tortura. Não poderia mais enfrentar o olhar do duque, no dia seguinte, sabendo que ele preferira a companhia da condessa à sua.

A única coisa viável a fazer era retornar à sua casa. Ele desconhecia o fato de Helen ser filha do marquês de Buxworth, portanto, não iria vê-la nunca mais, e certamente ficaria feliz por se ver livre de sua presença.

Escrevera-lhe o bilhete, colocando-o sobre o toucador, e chamara a criada, perguntando-lhe se poderia usar a roupa de montaria que vira no armário, e que deveria ser, obviamente, de uma das filhas de lorde Armitage.

Ela se vestira rapidamente, prometendo enviar as roupas ainda naquela tarde, e, sem perda de tempo, descera para os estábulos, ante o olhar surpreso da criada.

Já no estábulo, o cavaleiro de lorde Armitage, embora não mostrasse surpresa com seu pedido, havia estranhado, porém, que fosse cavalgar sozinha.

Dissera-lhe que não ia muito longe, e, ao sair da fazenda, sentira-se como se estivesse deixando para trás uma parte de si mesma.

Mas, voltando à realidade daquele beijo que o duque lhe dava, experimentava um êxtase que a embriagava e que queria conservar eternamente.

— Minha querida, como pôde fugir de mim? Pensei que a tivesse perdido!

— Eu o amo!

— Eu também a amo! E queria dizer-lhe isso antes, mas tive medo de assustá-la...

— Você jamais me assustaria!

— E cuidarei para que ninguém a amedronte nunca mais! O duque voltou a beijá-la, até que ela sentisse o mundo girando em volta. Quando se separaram, Helen disse:

— Você me pediu ajuda...

— Sim. Eu queria que você me ajudasse a encontrar alguém especial, com quem eu pudesse ficar para sempre e sem a qual não fosse capaz de viver.

— Disse também que estava desesperado...

— Eu fiquei desesperado quando você desapareceu! Se não a encontrasse aqui, eu poderia ter ficado louco!

— Jamais imaginei que me procuraria aqui!

— No entanto, aqui estou, e não a perderei novamente! Nunca mais, minha querida, fará uma coisa tão tola como viajar sozinha pelas estradas. Como pôde expor-se desta maneira?

— Eu... precisava ir embora daqui!

— Mas por quê? Ainda não consegui entender!

— Papai me disse que o duque de Marazion estava vindo para ficar...

— E isso a aborreceu? Por quê?

— Ele me disse que estava certo de que o duque, você, não estava interessado em estábulos tendo tantos cavalos. Estava nos visitando porque pretendia desposar-me!

As palavras eram tão incoerentes, que ele levou algum tempo para entender o que Helen dizia. Mas, depois, riu bastante, dizendo:

— Na época, isso era a última coisa que passaria pela minha cabeça! Pelo menos, isso prova que seu pai estava sendo profético, porque tenho mesmo a intenção de me casar com a filha dele!

E, fazendo uma pausa, prosseguiu:

— Se ela me quiser, evidentemente!

Ela o olhou longamente, radiante de felicidade:

— Eu o amo! E jamais poderia imaginar que iria me apaixonar exatamente pelo duque de Marazion.

— Quando sentiu que me amava pela primeira vez?

— Eu não sabia até ontem, quando você se tornou o duque e conhecemos a condessa.

— Que você viu como uma cobra! E está quase certa, minha querida.

Além do mais, tenho aversão a cobras!

— É verdade?

— Juro que sim. E, ontem à noite, fui a seu quarto, dizer-lhe boa-noite, mas você estava dormindo.

— Veio?! Veio mesmo?

— Sim, e por pensar em você, meu amor, dei-lhe um beijo nos cabelos e saí.

— Nunca imaginei isso!

— Fui para a cama e fiquei pensando em você, até cair no sono.

— Gostaria de ter sabido...

— Eu estava em dúvida quanto à sua reação diante dos meus sentimentos. E quanto me arrependi de tê-la levado à casa de lorde Armitage!

— Fui muito tola também em ter ido, mas eu queria fugir daqueles homens e ficar com você.

— Eu pensava o mesmo, e por isso não lhe disse meu nome antes.

— Jamais passaria pela minha cabeça que você era o duque de quem eu fugia!

— Nem pela minha que eu fosse o motivo da sua fuga!

— Estava decidida a não me casar com um homem sem amá-lo. Julguei que aquele que meu pai escolhesse para mim só poderia parecer-se com um animal, e, desde então, comecei a odiá-lo!

— Se eu tivesse aparecido do modo natural para você, a que animal me associaria? Provavelmente a algo desagradável...

— Você não se parece com nenhum animal, mas com um deus grego, descido do Olimpo. Mal posso acreditar que me ama!

— Eu a farei acreditar. Quero me casar imediatamente com você! Antes, porém, quero que conheça minha mãe, que reza há anos para que eu encontre a mulher ideal. Assim, ela saberá que suas preces foram atendidas.

— Vou adorar conhecê-la. Você tem muita sorte de sua mãe ainda viver.

— Sei disso. Agora, vamos fazer nossos planos, minha querida. Diga-me: como poderemos partir amanhã, sem que seu pai ache muito estranho?

— Está sugerindo que não contemos a papai o que sentimos um pelo outro?

— Tenho certeza que você ficaria magoada se seu pai pensasse que está negociando nosso casamento.

— É verdade. Você é um bom observador. E como se isso maculasse de

alguma forma o que sentimos um pelo outro. Eu me sentiria como um dos cavalos de papai, que ele estivesse vendendo pelo lance mais alto.

O duque riu, comentando:

E eu certamente pagaria qualquer coisa que ele me pedisse. Mas entendo perfeitamente como você se sente. Por isso, tive uma idéia.

— Então, o que faremos?

— Devemos esperar seu pai voltar. Então lhe direi que, a despeito da carta enviada, resolvi vir pessoalmente desculpar-me.

— Ele ficará tão contente ao vê-lo, que não se lembrará de mais nada!

— Isso nos facilitará as coisas. Então, você lhe dirá, na minha presença, que recebeu uma carta de uma amiga convidando-a a passar uns tempos em Gloucestershire; informarei a seu pai que, por feliz coincidência, também estou indo para lá, e que, se me permitir, gostaria de acompanhá-la, saindo bem cedo, pela manhã. Sua criada poderá vir também, no carro de trás.

— É uma excelente idéia! Eu devia imaginar que encontraria uma boa saída! E, como ele deseja o nosso casamento, achará que essa é uma boa maneira de nos conhecermos melhor!

— Exatamente! Mas, desta vez, não me escapará de novo!

— Não deve se preocupar em relação a isso! Como posso fugir, se o amo e não há mais ninguém no mundo senão você?

Não havia necessidade de dizerem mais nada. Seus olhos se encarregavam de explicar melhor aquilo que, com palavras, já se tornara impossível dizer.

Beijaram-se longa e apaixonadamente, e, quando já não conseguiam respirar, Helen murmurou, escondendo o rosto em seu peito:

— Deus! Eu o amo tanto! Como podia imaginar que o amor era tão diferente de todas as sensações que experimentei antes?

— É maravilhoso... perfeito... mas você precisa ensinar-me como fazê-la feliz, sem jamais desapontá-la.

— Isso nunca acontecerá!

Ele a beijou novamente, sentindo o suave perfume lírio branco que exalava de seus cabelos.

— Com toda a sua intuição, ainda foi capaz de fugir de mim, para cair nas “garras” do duque de Marazion!

— Como fui tola! Mas devemos à cerração o nosso encontro!

— Ou ao homem que a perseguiu na estalagem, a quem nunca saberei

agradecer!

— Como pode dizer uma coisa dessas? — perguntou ela, rindo muito.

— Como vai se tornar a duquesa de Marazion, está na hora de começar a escrever o livro que prometeu a nossos filhos e netos. E deve ilustrá-lo também!

— Pensei que fosse dizer que eu não devia desenhar nunca mais.

— Ao contrário, você deve desenvolver seu talento! Mas devo lhe dizer que separei o que poderá ser mostrado às outras pessoas e o que for especialmente feito para mim.

— Tudo será para você! Tudo o que eu fizer e pensar será para você, exclusivamente!

Mais uma vez, ele a tomou nos braços e a beijou longamente, consciente de que vivia uma aventura da qual nunca mais iria querer sair.

Sua felicidade era tanta, que ele se sentia como um vencedor, que alcançara a vitória na mais dura prova, e que recebera a maior recompensa de todas: o amor daquela mulher tão especial que, em breve, seria sua esposa.

De repente, tudo o que a duquesa vivenciara e de que lhe falara inúmeras vezes estava acontecendo. Talvez fosse a força de suas preces, ou a presença protetora e invisível da mãe de Helen, a guiar-lhe os passos para a felicidade que ela bem merecia. Quando sua mãe falecera, Helen chegara a achar impossível continuar vivendo, pois vira-se de um instante para outro privada de sua melhor amiga, de sua companheira de todos os momentos, com quem dividia todos os seus pequenos segredos.

Ela havia perdido, igualmente, a grande estimuladora de sua arte em crescimento, e embora contasse com criados dedicados, eles supriam muito pouco suas reais necessidades, sobretudo como adolescente.

Os dias que se seguiram aos funerais haviam sido momentos difíceis, que ela precisava a todo custo esquecer.

Seu pai, arrasado com a perda da única mulher que amara durante toda a vida, não tinha mais condições de dedicar a Helen a paciência necessária. A falta de afinidade entre ambos aumentava a cada dia sua solidão. E ele se mostrava incapaz de compreender os sentimentos juvenis da filha e sua necessidade de companhia.

Apesar de Helen receber alguns convites para passar uns dias em casa de amigos, a austeridade do pai exigia um luto fechado e limitado à casa, julgando-a imune ao sentimento da perda da mãe.

— Você precisa respeitar a memória de sua mãe! Que pensarão nossos amigos, se a virem cavalgando alegremente pelos prados, sem guardar qualquer impressão de saudade. Não posso admitir que passe o tempo como se sua mãe ainda vivesse entre nós! Tanto você quanto eu perdemos a razão de nossas vidas, e devemos preservar sua memória!

O duque jamais pudera imaginar a dor que se escondia por trás do sorriso angelical e juvenil de Helen. Mas agora que a conhecia melhor, compreendia facilmente a precocidade de seu senso crítico e das linhas firmes de seus desenhos.

O sofrimento fora o maior responsável pelo amadurecimento revelado tão cedo em seus trabalhos. O que mais poderia levar um artista a evoluir tão rapidamente? Mas ele tinha certeza de que, dali por diante, os dias difíceis de Helen haviam finalmente acabado. Segurando seu rosto entre as mãos e olhando-a apaixonadamente, disse:

— Você terá uma nova mãe junto à minha, que ficará feliz por toda a felicidade que me deu! A meu lado, não deverá temer mais nada, pois tudo farei para que esqueça seus dias amargos! Quero que pense apenas na família que nós dois formaremos muito em breve.

— É estranho como a vida pode dar uma guinada tão grande, num espaço tão curto de tempo! Ainda há poucos dias, eu estava entregue ao desespero e disposta a fazer tudo para viver longe deste ambiente opressor. De repente, nada mais me ameaça!

Enlevados pela perspectiva da felicidade total, eles se abraçaram ainda mais, desligados de tudo o que pudesse quebrar os doces sentimentos que experimentavam. Do futuro, aguardavam somente os frutos daquele grande amor que os unia e os tornava únicos.

QUEM É BARBARA CARTLAND?

As histórias de amor de Barbara Cartland já venderam mais de 350 milhões de livros em todo o mundo. Numa época em que a literatura dá muita importância aos aspectos mais superficiais do sexo, o público se deixou conquistar por suas heroínas puras e seus heróis cheios de nobres ideais. E ficou fascinado pela maneira como constrói suas tramas, em cenários que vão do esplendor do palácio da rainha Vitória às misteriosas vastidões das florestas tropicais ou das montanhas do Himalaia. A precisão das reconstituições de época é outro dos atrativos desta autora, que, além de já ter escrito mais de trezentos livros,, é também historiadora e teatróloga. Mas Barbara Cartland se interessa tanto pelos valores do passado quanto pelos problemas do seu tempo. Por isto, recebeu o título de Dama da Ordem de São João de Jerusalém, por sua luta em defesa de melhores condições de trabalho para as enfermeiras da Inglaterra, e é presidente da Associação Nacional Britânica para a Saúde.

Não perca a próxima edição!

A luz da Grécia

“Estou cego, mas posso sentir sua pele suave, quente, macia, tão doce ao tato quanto as pérolas que enfeitam seu colo virginal... Você será a luz dos meus olhos feridos, você será minha querida esposa.”

Sacha tentava esconder as lágrimas que lhe corriam pelo belo rosto, lágrimas de amor e tristeza, porque sabia que esta seria a última noite ao lado do homem amado... Sacha era uma impostora!